

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

MAILA MORAIS MATTOS

FLORESCENDO IPÊ:
a gestão de acervos do Museu Histórico de Ipê – Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2020

MAILA MORAIS MATTOS

FLORESCENDO IPÊ:
a gestão de acervos do Museu Histórico de Ipê – Rio Grande do Sul

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Celina Figueira da Silva

Porto Alegre

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos André Bulhões Mendes
Vice-Reitora Patrícia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora **Karla Maria Müller**
Vice-diretora **Ilza Maria Tourinho Girardi**

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia **Samile Andréa de Souza Vanz**
Chefia substituta: **Rene Faustino Gabriel Junior**

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenação **Jeniffer Cuty**
Coordenação substituta **Eráclito Pereira**

CIP - Catalogação na Publicação

Morais Mattos, Maila
FLORESCENDO IPÊ:A GESTÃO DE ACERVOS DO MUSEU
HISTÓRICO DE IPÊ-RIO GRANDE DO SUL / Maila Moraes
Mattos. -- 2020.
77 f.
Orientadora: ANA CELINA FIGUEIRA DA SILVA.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. MUNICÍPIO DE IPÊ. 2. MUSEU DE CIDADE . 3. MUSEU
HISTÓRICO DE IPÊ. 4. GESTÃO DE ACERVOS . 5.
DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA . I. FIGUEIRA DA SILVA, ANA
CELINA, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705
Bairro Santana
Porto Alegre - RS
Telefone (51) 33085067
E-mail: fabico@ufrgs.br

MAILA MORAIS MATTOS

FLORESCENDO IPÊ:

a gestão de acervos do Museu Histórico de Ipê – Rio Grande do Sul

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Celina Figueira da Silva

Aprovado em de novembro de 2020

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Ana Celina Figueira da Silva (Orientadora) – UFRGS

Ma. Deise Formolo

Prof^a. Dra. Márcia Regina Berttoto – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a minha família pelo apoio.

Aos amigos e colegas do município de Ipê e da faculdade que de várias formas estiveram presentes nessa caminhada. Muito obrigada pelo carinho de cada um!

De forma especial à professora e diretora do Museu Histórico de Ipê, Cristiane dos Anjos Parisoto, por abrir as portas do Museu para a realização da presente pesquisa e por sempre estar disponível para tirar as dúvidas. Muito obrigada por tudo!

Aos professores do Curso de Museologia, por todo o cuidado, carinho e paixão com seus ensinamentos. Vocês têm um lugar especial no meu coração!

À Márcia Regina Bertotto e à Deise Formulo por terem aceitado participarem da banca examinadora desta pesquisa, desde já o meu muito obrigada!

À minha orientadora Ana Celina que aceitou este desafio e com a sua ajuda foi possível o desenvolvimento dessa pesquisa, não tenho palavras para expressar minha gratidão por seu apoio nessa caminhada. Muito Obrigada por tudo!

A todos que me acompanharam nessa jornada o meu muito obrigada!

Nenhum obstáculo será grande se sua vontade de vencer for maior.

Autor desconhecido

RESUMO

A presente monografia tem como objeto de pesquisa o Museu Histórico de Ipê (MHI). Apresenta a história de sua criação, destacando nesse processo o envolvimento da comunidade, principalmente da comunidade escolar do município de Ipê através do trabalho da professora e primeira diretora do MHI Cristiane dos Anjos Parisoto. Aborda a importância da gestão de acervos dentro de instituições culturais, investigando como o MHI executa essa gestão, principalmente documental, através da análise dos instrumentos de registros das coleções da instituição. Identifica que o MHI pratica a forma de aquisição passiva de seu acervo, prevalecendo o critério de procedência dos objetos, valorizando o doador, morador da cidade de Ipê. Utilizando o conceito de museu de cidade, considera que o MHI pode ser assim classificado, com uma proposta de representação das práticas de trabalho e hábitos dos moradores da região. Conclui que ainda há um longo caminho a ser percorrido pelo Museu Histórico de Ipê com a elaboração de um plano museológico e estabelecimento de uma política de aquisição de acervos mais criteriosa, o que demanda, principalmente, a formação de uma equipe técnica para atuar na instituição junto à atual diretora. Também conclui que é importante e necessário o permanente estímulo à participação da comunidade junto ao MHI.

PALAVRAS-CHAVE

Município de Ipê. Museu de Cidade. Museu Histórico de Ipê. Gestão de Acervos. Documentação museológica.

ABSTRACT

The object of this monograph is the Historical Museum of Ipê (MHI). It presents the history of its creation, highlighting in this process the involvement of the community, especially the school community of the municipality of Ipê through the work of the teacher and first director of MHI Cristiane dos Anjos Parisoto. She discusses the importance of collection management within cultural institutions, investigating how the MHI performs this management, mainly documentary, through the analysis of the instruments of records of the institution's collections. It identifies that the MHI practices the form of passive acquisition of its collection, prevailing the criterion of origin of the objects, valuing the donor, resident of the city of Ipê. Using the concept of city museum, it considers that the MHI can be classified as such, with a proposal to represent the work practices and habits of the residents of the region. He concludes that there is still a long way to go for the Historical Museum of Ipê with the elaboration of a museological plan and the establishment of a more careful policy of acquisition of collections, which demands, mainly, the formation of a technical team to act in the institution with the current director. She also concludes that it is important and necessary to permanently encourage the community's participation in the MHI.

KEY WORDS

Municipality of Ipê. City Museum. Historical Museum of Ipê. Collection Management. Museological documentation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -Localização de Ipê. Rio Grande do Sul.....	18
Figura 02 -Igreja Matriz São Luís Reis (atual Capela)	19
Figura 03- Vista área de Vila Segredo	20
Figura 04- Moinho do Rio Segredo (Ponto Turístico Vila Segredo) ...	21
Figura 05- Vista área da Vila São Paulo (Vila São Paulino)	22
Figura 06- Cachoeira da Rola (Ponto Turístico Vila São Paulino)	23
Figura 07- <i>Flyer</i> de divulgação da Primeira Festipê.....	24
Figura 08 -<i>Flyer</i> de divulgação da Primeira Expoipê.....	25
Figura 09 -Fachada da 1ª sede do MHI	28
Figura 10- Espaço expositivo- 1ª sede do MHI	28
Figura 11 -Núcleo de Preservação do MHI (formação do núcleo de 2012, com alguns alunos participantes da época)	30
Figura 12 -Folder do MHI.....	31
Figura 13 -Prédio da 2ª sede do MHI.....	34
Figura 14- Visitação guiada no MHI durante a Semana de Arte e Cultura do Município.....	34
Figura 15 -Sala com mobiliário de dormitório - 2ª sede do Museu ...	35
Figura 16 -Sala Mobiliário Religioso- 2ª Sede do MHI.....	35
Figura 17 -Sede atual do MHI	36
Figura 18- Espaço expositivo do MHI – sala de entrada (atual)	37
Figura 19 -Sala de exposição com ferramentas.....	37
Figura 20 -<i>Flyer</i> de divulgação do MHI.....	42
Figura 21 -Alguns objetos repetidos.....	45
Figura 22- Objetos de trabalho agrícola – MHI.....	46
Figura 23- Mobilia de dormitório - objetos da vida cotidiana – MHI... 	46
Figura 24 -Mobiliário e objetos diversos – vida cotidiana – MHI.....	47
Figura 25 Capa do Programa de Capacitação Museológica.....	48
Figura 26- Programa de Capacitação Museológica -Módulo 2	48
Figura 27- Arrolamento peças Vila Segredo	51
Figura 28 -Arrolamento das peças do MHI.....	51

Figura 29 -Termo de abertura Livro Tombo 1	52
Figura 30 -Campos de informação Livro Tombo 1.....	53
Figura 31 -Termo de Abertura Livro Tombo 2.....	53
Figuras 32-33 -Campos de informação do Livro Tombo 2.....	54
Figura 34- Ficha de identificação de peças MHI.....	56
Figura 35- Ficha de catalogação jornais	59
Figura 36- Ficha catalogação -livros MHI	61
Figura 37 – Termo de empréstimo do MHI.....	62
Figura 38- Termo de doação MHI.....	63

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1- Listagem dos instrumentos de registro, identificação e movimentação do acervo do MHI.....	49
--	-----------

LISTA DE SIGLAS

MHI -MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTCA

IBRAM- INSTITUTO BRASILIERO DE MUSEUS

SEM-RS - SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS

ICOM- CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS

CAMOC- COLEÇÕES E ATIVIDADES DE MUSEUS DE CIDADE

SUMÁRIO

1- PLANTANDO A SEMENTE.....	14
2- RAÍZES DE IPÊ: a história do Município de Ipê e do Museu Histórico de Ipê (MHI).....	17
2.1 Criando raízes: o Município de Ipê	17
2.2 Uma raiz cultural: o Museu Histórico de Ipê.....	26
3- RAMIFICAÇÕES MUSEAIS: A gestão de acervos e a documentação do Museu Histórico de Ipê.....	39
3.1 Um ramo museal: a gestão de acervos	39
3.2 A gestão de acervos do museu histórico de ipê – um estudo através dos documentos institucionais.....	41
3.3 Crescendo folhagens: a cidade no Museu Histórico de Ipê.....	65
4- FLORES DE IPÊ.....	68
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE A- CARTA DE APRESENTAÇÃO	75
APÊNDICE B- AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA	76
APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA	77

1 PLANTANDO A SEMENTE

Assim como as árvores necessitam ser plantadas e cuidadas para que das mesmas surjam lindas flores que nos encantam na primavera, é necessário que esse processo de cuidado seja aplicado dentro das instituições culturais como é o caso dos museus.

Uma dessas instituições é o Museu Histórico de Ipê (MHI), localizado na região serrana do Rio Grande do Sul, criado no ano de 2012 com o intuito de narrar a história local, e que se configura no tema deste trabalho.

A escolha do MHI como objeto de estudo deu-se por dois principais motivos. O primeiro deles é o fato que desde pequena vivi no Município de Ipê, onde ainda hoje meus pais residem. Ipê atualmente é o meu refúgio da cidade grande de Porto Alegre, onde estudo e moro. O segundo motivo da escolha é a experiência que vivenciei nos anos de 2012-14, quando atuei no Núcleo de Preservação, ligado ao MHI, criado pela professora Cristiane dos Anjos Parisoto, da qual era aluna. A professora Cristiane foi a responsável pela criação do Museu, sendo sua primeira diretora, cargo que ocupa até o dia de hoje. Através dessa experiência passei a me interessar pelas questões culturais, motivando o meu ingresso no curso de Museologia no ano de 2016. Ao longo da minha formação na graduação, uma das áreas que mais me chamou atenção foi a gestão de acervos, conhecimento indispensável para o bom funcionamento dos museus, mas que infelizmente, muitas vezes, não ocorre de forma satisfatória, por uma infinidade de dificuldades que as instituições museais enfrentam em nossa realidade regional. Assim, considerando a ligação afetiva que tenho com a cidade de Ipê, a experiência de trabalho no Núcleo de Preservação e a minha área de interesse na Museologia, nasceu a proposta de pesquisar o MHI, levantando dados do seu processo de formação e também investigando sua gestão, tendo em vista que a instituição conta com apenas um responsável atualmente.

Nesse sentido, busquei responder as seguintes questões na realização da pesquisa: como foram idealizadas as coleções do Museu Histórico de Ipê? Como é feita a gestão do acervo museal? Como esse processo de gestão dialoga com a missão do Museu? Como o acervo representa a cidade?

A partir dessas problematizações, foi estabelecido como o objetivo geral do trabalho analisar a gestão referente ao acervo do Museu Histórico de Ipê e, como objetivos específicos, descrever a trajetória do Museu Histórico de Ipê; identificar os instrumentos de documentação utilizados pelo Museu para seu acervo; e analisar, a partir dos objetos incorporados, a caracterização da instituição como museu de cidade.

A justificativa para a realização dessa pesquisa é que não há nenhuma investigação realizada sobre o objeto de estudo. Destaca-se que existem trabalhos acadêmicos abordando a atividade agroecológica desenvolvida no município de Ipê, mas não localizamos nenhuma pesquisa tratando da área cultural e especificamente do MHI. No caso, não identificamos trabalhos que registrem e analisem o processo de criação do MHI, bem como sobre seus instrumentos de registro e controle do acervo, análise que nos propomos a realizar.

Nesse aspecto os conceitos norteadores dessa pesquisa são gestão de acervos, documentação museológica e museu de cidade.

Configurada como uma investigação acadêmica, a presente pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, se realizou através de observação em campo com visitas à instituição; análise documental (fichas de doação e de catalogação e livros tombos) e acesso a notícias do site da prefeitura de Ipê. A pesquisa também demandou a utilização de fontes secundárias, tais quais bibliografias sobre a temática, museus de cidade, e a história do município de Ipê, realizando-se também uma entrevista com a diretora do museu, que está à frente do mesmo desde sua fundação. (Apêndice B).

O trabalho está organizado em quatro capítulos, incluindo essa Introdução e as Considerações Finais. No segundo capítulo dessa pesquisa intitulado como **RAÍZES DE IPÊ: a história do Município de Ipê e do Museu Histórico de Ipê (MHI)**, apresento o município de Ipê trazendo informações históricas, geográficas, econômicas que caracterizam a região. Nesse capítulo também apresento o Museu Histórico de Ipê, informando sua criação, a mudança de sedes, e suas características.

No terceiro capítulo intitulado **RAMIFICAÇÕES MUSEAIS: a gestão de acervos e a documentação do Museu Histórico de Ipê**, faço uma apresentação do que é e qual a finalidade da gestão de acervos, produzindo uma análise dos instrumentos documentais utilizados pelo MHI, para o controle de seu acervo e frisando a importância dos museus possuírem uma política de aquisição, e verificando se o MHI, através de suas características pode ser considerado um museu de cidade.

Na conclusão do trabalho intitulada **O FLORESCER DE IPÊ**, retomo as perguntas realizadas no começo dessa investigação enfatizando a importância da gestão de acervos dentro das instituições museais, bem como estabelecendo uma reflexão sobre a participação da comunidade dentro do processo de formação do MHI.

2 RAÍZES DE IPÊ: a história do município de Ipê e do Museu Histórico de Ipê (MHI)

Este capítulo destina-se a apresentar o município de Ipê e seu Museu Municipal que possui a denominação de Museu Histórico de Ipê, trazendo informações históricas, geográficas, econômicas que visam caracterizar tanto a cidade como o Museu.

2.1 Criando raízes: o Município de Ipê

Para se desenvolverem as árvores necessitam que suas raízes se fixem no solo garantindo assim sua permanência na natureza. Entre tantas, a árvore de ipê é uma que possui raízes bem definidas. Assim como a árvore de ipê o Município de Ipê possui raízes através de sua história. Devido à presença abundante dessa árvore na região, desde o ano de 1938 o local passou ter a palavra ipê inserida em seu nome, sendo Vila Ipê, sua primeira denominação. (Marcon,2017).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), existe muitos municípios no interior do Rio Grande do Sul, sendo 497 ao todo. Dentro desse cenário encontra-se o Município de Ipê, que desde 2010 possui o título de Capital Nacional da Agroecologia.

Criado pela Lei Estadual 8.842, em 1987, o Município de Ipê situa-se na Região Nordeste do Estado, pertencendo à microrregião dos Campos de Cima da Serra. Apresenta um clima subtropical e conta com uma população de 6.640 pessoas¹. O Município tem uma extensão territorial de 746 Km² divididos entre o centro Ipê e os distritos de Vila Segredo e Vila São Paulo.

O Município limita-se ao norte com o município de Muitos Capões, ao sul com os municípios de Antônio Prado, a leste com o município de Campestre da Serra e a oeste com os municípios de Protázio Alves e André da Rocha.

¹ Dados obtidos através do último Censo realizado no município em 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/ipe>. Acesso em 18/03/2020.

Figura 01 - Localização de Ipê. Rio Grande do Sul



Fonte: Ipê - Rio Grande do Sul, s.a., doc.eletr.

A história do município remonta ao “[...]século XIX com a passagem dos tropeiros que partindo dos Campos de Vacaria dirigiam-se pela Serra do Rio das Antas rumo a São Leopoldo” (MARCON, 2017, p.12). A região também era ocupada por fazendeiros que possuíam posses de terras, um deles de muita importância para o local, Luis Augusto Branco, que doou um pedaço de terra para a construção da primeira capela.

Figura 02- Igreja Matriz São Luís Reis (atual Capela)



Fonte: Ferreira,2020.

Com a chegada dos imigrantes italianos a comunidade começou a prosperar e em 31 de dezembro de 1890 foi criado o distrito de Vila Ipê tornando-se o 4º Distrito de Vacaria.

A constituição da Vila Ipê como município ocorreu em 1987, a partir da luta protagonizada, a partir de 1985, por várias lideranças de Vila Ipê, Vila Segredo e Vila São Paulo. Assim,

Em 21 de setembro de 1987 foi proclamado o resultado do plebiscito com a vitória do SIM, por 2.604 votos contra 465 do Não. Em 15 de dezembro de 1987, por ato então do Governador Pedro Simon, foi promulgada a lei 8.482 que criou o Município de Ipê, constituído pelos distritos de Vila Ipê, Vila Segredo e Vila São Paulo, pertencentes ao Município de Vacaria, sendo sede do novo município a localidade de Vila Ipê (MARCON, 2017, p.16).

Vila Ipê atualmente recebe o nome de Ipê sendo este o centro e o primeiro distrito do município, onde até hoje funciona a parte administrativa com a Prefeitura, a Câmara de Vereadores e as secretarias municipais.

O Município através dos anos recebeu diversas nomenclaturas conforme nos informa Marcon (2017).

[...] é possível dizer que Ipê [...] de 1880 a 1903, identifica-se com quatro nomes [...] Matos Particulares, Capela da Luz, Capela São Luís e Formigueiro. A partir de 1936 tivemos mais três: Paróquia São Luís Rei, distrito de Vila Ipê e Município de Ipê. (MARCON, 2017, p.19).

O município de Ipê é reconhecido pela sua agricultura ecológica e isso se reflete nos distritos do local, Vila Segredo e Vila São Paulo que tem sua economia baseada na prática dessa agricultura.

O Distrito da Vila Segredo foi criado em “7 de fevereiro de 1924, por ato nº428, do intendente Teodoro dos Santos Duarte, tornando-se o 2º Distrito de Ipê e o 9º Distrito de Vacaria” (RIGHEZ; RIGHEZ, 2012, p.93). Distante a 14 quilômetros de sua sede, possui 1 200 moradores² e era anteriormente denominado de Paiol,

[...] Isso devido a um paiol de milho, que existia na localidade e servia de guia para a todos que por essas bandas das divisas dos campos de “la Vacaria de Los Pinâles” passasse. (RIGHEZ; RIGHEZ, 2012, p. 92).

Figura 03 – Vista área de Vila Segredo



Fonte: Facebook,2013.

² Dados obtidos através do site <http://www.vilasegredo.org/historico.php>.(2006-2019). Acesso em 22/03/2020.

Em um primeiro momento a localidade da Vila Segredo estava dividida em grandes quadras de terras, contudo

[...]os proprietários, ao invés de pagarem a alguém para cuidar das terras, entregavam-nas aos negros, que não tinham onde morar, para que plantasse o que bem quisessem e assim a propriedade estava assegurada contra qualquer tipo de invasão. (RIGHEZ; RIGHEZ.2012, p.91).

Porém nos anos de 1980 aparecem os primeiros colonizadores que foram comprando esses pedaços de terra e se organizaram de modo a suprir a necessidade de famílias, fazendo com que a comunidade prosperasse através de cooperativas, lojas comerciais, ferrarias, moinhos de milho movido a água. Na atualidade a economia local se baseia na agricultura com as novas tecnologias e ainda conta com o turismo ecológico como fonte de renda.

Figura 04 - Moinho do Rio Segredo (Ponto Turístico Vila Segredo)



Fonte: Studio Moinho do Rio Segredo, s.a., doc.eletr.

O terceiro distrito do município é o de Vila São Paulo criado em 1953 tornando-se o 11º Distrito de Vacaria. Possui uma extensão territorial de 182 quilômetros quadrados, distante 26 quilômetros da sua sede, possui cerca de

800 pessoas³. Seu nome oficial é Vila São Paulo, porém a localidade é mais conhecida como Vila São Paulino isso por conta

[...] dos Paulistas, do Estado dos Bandeirantes, quando estiveram trabalhando na 2ª Companhia e o faziam para distinguir do Estado Natal - São Paulo e por isso começaram a denominar São Paulino. (NOVELO; GIROTTO, et al. ,2012, p. 272)

O território da Vila São Paulo é constituído de zonas montanhosas e 95% de sua população se ocupa com atividades agropecuárias, 2% com atividades de comércio, 2% com atividades industriais e 1% com prestação de serviços, conforme as informações contidas na página da prefeitura do município⁴ na área destinada a apresentação dos distritos.

Figura 05 – Vista área da Vila São Paulo (Vila São Paulino)



Fonte: facebook, 2017.

³ Dados obtidos através do site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_S%C3%A3o_Paulo. (2000). Acesso em 22/03/2020

Figura 06 - Cachoeira da Rola (Ponto Turístico da Vila São Paulino)



Fonte: Facebook, 2014.

A preocupação com o solo e os alimentos se destaca no município de Ipê que pratica a agricultura sem o uso de agrotóxicos. Por conta disso, o Município, desde o ano de 2010, possui o título de Capital Nacional da Agroecologia, conforme mencionado anteriormente. Tal título foi concedido pela Lei Federal nº12. 238 de 19 de maio de 2010.

O título vinculado ao local deve-se às famílias agricultoras ecológicas, pois nos anos de 1990

[...] o trabalho atingiu seu auge com 103 famílias de agricultores ecologistas envolvendo-se mais de 400 pessoas na produção de frutas, legumes, grãos, tubérculos, verduras, toda uma variedade de produtos in natura e processados como suco de uva, o extrato de tomate, os doces de frutas, pasta de alho e outros. Atualmente[...] são 62 famílias certificadas e em processo de certificação que trabalham com agricultura familiar de base ecológica no município de Ipê; são 8 associados de agricultores ecologistas e 1 cooperativa (Econativa). Os principais produtos in natura são hortaliças e frutas de época. Por ano, saem de Ipê cerca de 865 toneladas de alimentos orgânicos, gerando uma renda de cerca de 2,6 milhões. A esta quantidade acima se somam as principais frutas orgânicas de época – uva (300 t/ano), maçã (75 t/ano) e amora (20 t/ano) – que geram uma renda de cerca de 630 mil. (Plano Municipal de Educação 2015-2025, 2015, p.17, doc. eletr.).

Por conta da agricultura ecológica praticada no município de Ipê, ele é conhecido nacional e internacionalmente, possuindo duas festas que celebram esse título: a Festipê e a Expo Ipê.

A Festipê tornou-se a festa que representa o município sendo realizada pela primeira vez no ano de 2014 tendo como objetivo celebrar as “[...] várias atividades produtivas e as manifestações culturais através de feiras, exposições, música, esporte, dança, artesanato, gastronomia, bailes, celebrações, concursos e encontros”. (MARCON, 2017, p.353)

Figura 07- Flyer de divulgação da Primeira Festipê



Fonte: Prefeitura de Ipê,2014, doc. eletr.

Sendo bem aceita pela comunidade e obtendo muitos visitantes, a Festipê passou a ser realizada de dois em dois anos. A primeira edição da festa ocorreu no mês de maio, porém em 2016 e 2018 a festa ocorreu no mês de abril.

A Expoipê, por sua vez, que ocorre no mês de abril, é anual, tendo como objetivo a promoção da cidade em seu âmbito turístico e econômico como ressalta Marcon (2017):

Esta exposição abriu portas para a promoção da cidade no âmbito turístico e econômico, com as belezas naturais, a hospitalidade do povo ipeense e a grande marca da agricultura agroecológica familiar. A Capital Nacional da Agroecologia festejou a produção agrícola e pecuária por meio de exposições, apresentações artísticas e culturais, música e atividades esportivas e de lazer. (MARCON,2017, p. 386-387).

Figura 08 – Flyer de divulgação da Primeira Expoipê



Fonte: Mattos, acervo pessoal. 2020.

O Município de Ipê conta com cooperativas que foram fundadas com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (EMATER), do Centro Ecológico⁵, e da Prefeitura. São elas:

⁵ “O Centro Ecológico Ipê é uma ONG que, desde 1985, trabalha para viabilizar avanços sustentáveis na produção agrícola[...]. Através de visitas, reuniões, cursos e oficinas de capacitação e planejamento, [...] assessora organizações de agricultores familiares na produção, processamento e comercialização de alimentos ecológicos. [...] busca do resgate e manejo da biodiversidade agrícola e alimentar, o estímulo à organização de produtores e consumidores, o desenvolvimento de mercados locais para produtos ecológicos e o estímulo à formulação de políticas públicas que incentivem uma agricultura sustentável. (Centro Ecológico- Histórico, s.a, doc.eletr.).

[...] AECIA (Associação de Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado), a APEMA (Associação dos Produtores de Ecologistas da Linha Perreira Lima – Vila Segredo, Ipê), APEVS (Associação dos Produtores Ecologistas de Vila Segredo) [...] e a APESI (Associação dos Produtores Ecologistas da Sede de Ipê). Assim sendo o município de Ipê tornou-se referência nacional e internacional em agroecologia, pólo de origem da agricultura orgânica e berço da Agroecologia. (CECATTO; CONTE; SCHIAVON, 2012, p 805).

Ipê possui atrativos turísticos culturais como a cascata do Rio Vieira, localizada na Capela de Santo Antônio, comunidade localizada próximo ao Segundo distrito do município; a Usina do Saltinho; a gruta natural de Vila Segredo, onde antigamente habitavam os indígenas, o Camping Dalsasso às margens do Rio Turvo; a Gruta Nossa Senhora de Lourdes na RS 122; o Sítio das Rosas, entre outros e que recebem visitantes de várias partes do Brasil.

O Município possui dois espaços culturais que buscam representar a história local: o Memorial Moisés Mondadori (Cavaleiro Moisés), criado no ano de 2016 e que narra a história deste ipeense importante para a música gaúcha. Trata-se de uma instituição pública vinculada à secretaria de Educação e Cultura que realiza atendimento sob agendamento prévio. A outra instituição é o Museu Municipal, com a denominação de Museu Histórico de Ipê, objeto desta pesquisa, que procura representar a história local, o qual passamos a abordar no item seguinte.

2.2 Uma raiz cultural: o Museu Histórico de Ipê

Assim como o município possui suas raízes o mesmo ocorre com o seu museu – Museu Histórico de Ipê – criado através da lei nº 1.430 de 20 de dezembro de 2012, com o objetivo narrar a história local.

O projeto de criação do Museu foi idealizado em 2012 pela professora de História da rede municipal de Ipê, Cristiane dos Anjos Parisoto, que participando do projeto Raízes de Ipê,⁶ identificou a falta de um espaço cultural para a preservação da memória da cidade.

6 “[...] Projeto Raízes é um fenômeno histórico que iniciou em 1992 e ainda está ativo no Rio Grande do Sul. Através da mediação de uma comissão organizadora, vários municípios gaúchos promoveram/promovem eventos comemorativos sobre sua história que culminam com o lançamento de livros que têm como tema suas origens.[...] Uma equipe encabeçada pela

Vinculado à Secretaria da Educação e Cultura, o Museu Histórico de Ipê possui registro no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), no Sistema Estadual de Museus (SEM RS) e no Cadastro Estadual de Museus. A ideia de criação do Museu, segundo a primeira e única diretora do Museu, Cristiane dos Anjos Parisoto, surgiu de uma conversa realizada com a secretária da educação do período, conforme ela relata:

[...]eu sou natural de Lages – SC, eu vim morar em Ipê em 2011, passei num concurso pra prefeitura né? E tinha trabalhado no museu Thiago de Castro⁷ em Lages, e essa tinha sido minha experiência mais próxima de Museu e no ano de 2012 o Município de Ipê participou do Projeto Raízes que resultou na escrita de um livro e um dos objetivos do projeto Raízes era a criação do Museu. Na época eu, então professora do município, da rede municipal, eu também era presidente do conselho municipal de educação e foi na cidade de Bom Jesus, numa reunião que eu tive que ir com a secretária na época que era a Rita Márcia Cecatto, conversando sobre isso nós visitamos o museu na Secretaria de Bom Jesus e eu lancei a proposta: “vamos fazer um Museu pra nossa cidade?” E ela me disse: “Olha, vai ser um dos objetivos. Você gostaria de trabalhar nisso?” Eu lembro que eu voltei muito feliz de lá, com essa proposta. Então de agosto até dezembro de 2012 eu tive um horário dentro da minha carga horária para me dedicar à criação do Museu, então ele nasceu dessa iniciativa do Projeto Raízes e dessa conversa com a secretária. (PARISOTO, entrevista 2020).

Após a conversa acima narrada, a professora Cristiane apresentou o projeto de criação do museu à prefeitura do município de Ipê, o qual foi aprovado.

O Museu foi inaugurado no dia 29 de dezembro de 2012, onde foi aberto ao público, tendo como sede uma sala localizada no segundo andar do prédio do Seminário Seráfico Nossa Senhora de Fátima, localizado no centro da cidade, locado pela prefeitura. Com peças doadas pela comunidade organizaram-se núcleos expondo esses objetos que representavam o cotidiano dos moradores e o trabalho desenvolvido na agricultura.

historiadora Vera Lúcia Maciel Barroso, juntamente com as administrações locais, promoveu o I Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha, em 1990”. (Doneer, Sandra, 2010, p. 2). O município de Ipê participou da edição de 2012.

⁷ O Museu Histórico Thiago de Castro localiza-se em Lages- Santa Catarina, começando sua construção no ano de 1943, conta com documentos e imagens do século XVIII e XIX, utensílios de trabalho de época, peças de vestuário e itens da Guerra do Contestado, que ocorreu em outubro de 1912 entre os estados de Santa Catarina e o Paraná. (G1 SC- Museu Histórico Thiago de Castro Oferece visitas online para a moradores de Lages – Iniciativa começou para ajudar a conter o avanço do corona vírus no estado, 02/04/2020, doc. Eletrônico).

Figura 09 - Fachada da 1ª sede do MHI



Fonte: Tua Rádio Fátima, 2019, doc. eletr.

Figura 10 – Espaço expositivo- 1ª sede do MHI



Fonte: Parisoto, 2012.

Conforme Parisoto (2012), um dos objetivos da criação do Museu na cidade foi para que tanto a comunidade quanto o Núcleo de Preservação entendessem como

[...]funcionam os museus na prática [...] queremos sensibilizá-los para a preservação da história local, despertando para o cuidado com o patrimônio público independente de terem ou não nascido em Ipê. (PARISOTO, 2012, p. 671)

Com a criação do Museu surgiu o interesse de constituir o Núcleo de Preservação, mencionado acima. Esse Núcleo foi formado por estudantes da rede municipal, alunos da professora Cristiane, com o intuito de envolver os mesmos às práticas realizadas em museus. Uma dessas práticas era a mediação realizada para os visitantes. Sobre a formação do Núcleo a professora Cristiane relata que,

Ah, aí tem um dado interessante: quando eu abri inscrição para o Núcleo de Preservação nós tínhamos no turno da manhã, tinha dois sextos, tinha três sextos anos, tinha um ano que tinha bastante turma, tinha três sextos, dois sétimos, dois oitavos e um nono (oitava série), então eram muitas turmas e eu fui passando em cada uma e 79 pessoas deram o nome, foi uma coisa assim, eu fiquei muito espantada[...], estava claro que 79 não foram 79 que iam trabalhar [...] Mas eu não quis excluir ninguém, fui organizando em grupos que não dava pra trazer todo mundo. Eu organizava, eu vinha todas as tardes, naquela época tinha bem poucas horas em sala de aula, aí era pra trabalhar em museu naquele período ali e eu vinha todas as tardes para nos encontrarmos no turno né os alunos poderem vir e vinha seis, sete, oito por tarde e à medida que eles não mostravam muito interesse eu ia tirando eles eu ia e “Oh, pessoal eu preciso que levem a sério”. Aí foi diminuindo, diminuindo, mas eu tive um grupo grande, uns 25 que pegaram junto. (PARISOTO, entrevista 2020)

O Núcleo também participava de reuniões para discutir atividades em que o Museu estaria vinculado, um desses eventos foi a Semana de Arte e Cultura do Município⁸. O núcleo de Preservação criado no ano de 2012 não existe mais, pois conforme relata Parisoto (2020) “[...]o pessoal que era do núcleo já tá formado na faculdade agora né? Nós estamos falando de uma distância temporal de 7-8 anos [...]”. Embora não haja mais esta primeira formação do núcleo, a ideia é criar um núcleo como o anterior, composto por alunos da professora

8 “Esta semana foi iniciada no ano de 2007 no mês de setembro e tem por objetivo o desenvolvimento cultural do Município de Ipê, através de atividades artísticas, sociais, esportistas, intelectuais e recreativas, tendo como temática: ecologia, folclore de tradicionalismo gaúcho, plebiscito da emancipação e outros que se fizerem oportunos.” (CECATTO, Rita Márcia; CONTE, Anita Samuara Magero; SCHIAVON, Vera ÂNGELO Detófono, 2012 p. 809).

Cristiane - pois embora esteja à frente do Museu em nenhum momento a mesma deixou de exercer a profissão de professora - além de outros membros da comunidade que tiverem interesse em participar.

Figura 11 - Núcleo de Preservação do MHI (formação do núcleo de 2012, com alguns alunos participantes da época)



Fonte: Facebook, 2014

As peças do Museu começaram a chegar quando a professora Cristiane conversou com seus alunos na escola na qual a mesma atuava, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Leonel de Moura Brizola, tanto que uma das primeiras peças do Museu foi doada por um de seus alunos: um relógio despertador na cor verde.

Além da conversa com seus alunos da Escola Municipal, a professora fez contato com a Escola Estadual Frei Casimiro Zaffonato, onde não atuava no período de criação do MHI, e com as casas comerciais da cidade, deixando *flyers* (Figura 20) nesses estabelecimentos, com a ajuda de alunos participantes do Núcleo de Preservação. Esses *flyers* divulgavam o projeto explicando os objetivos do Museu e solicitavam a colaboração da comunidade na doação de objetos para comporem o acervo. Também se criou folders (Figura 12) do MHI para serem distribuídos, informando o que eram os museus e suas tipologias, informações sobre o acervo do MHI e orientações de como se portar durante uma visita.

Figura 12 - Folder do MHI

Existem diferentes tipos de Museus...

Museus de Arte

Museus de Ciências Naturais

Museus Históricos

O Museu da nossa cidade é um Museu Histórico!

O Museu histórico é um lugar de histórias interessantes que nos faz viajar no tempo!

O Museu Histórico de Ipê - MHI, guarda objetos, móveis, livros, jornais e fotografias.

Porque nele encontramos muitas coisas sobre o passado das pessoas que viveram aqui antes de nós!

Vista parcial de Vila Ipê em 1945.

"O povo que desconhece a sua história, sua origem e sua cultura, é como uma árvore sem raízes."

Marcus Garvey

As peças que estão no Museu foram doadas ou emprestadas por pessoas da comunidade.

Por que é importante ter um museu na nossa cidade?

Você sabe se comportar em um Museu?

- Observe as peças com muita atenção! Não passe apenas por elas, tem coisas que você só poderá notar se analisar com cuidado!
- Nunca toque nas peças expostas.
- Não corra. Você pode tropeçar e provocar acidentes.
- Não fique o tempo todo conversando, mas se tiver alguma dúvida, pergunte!
- Não fale alto, pois muitas pessoas gostam de contemplar as peças em silêncio!
- Não é permitido entrar com alimentos ou bebidas nos museus.
- Alguns museus não permitem fotografar os acervos (coleções) então é sempre bom perguntar antes.

Horários de atendimento
Segunda a Sexta-feira
08h às 11h30
13h30 às 17h00

Fique atento!
Durante a Semana do Museu haverá atendimento também no final de semana:

- Sábado (23/05/2015)
- Domingo (24/05/2015)

Convide sua família e venha nos visitar!

Esperamos por vocês!

Confira a

<http://www.mhi.gov.br/>

ibram MHI

13ª Semana Nacional de Museus
2ª Semana do MHI
18 a 24 de Maio de 2015
Museus para uma sociedade sustentável!

Museu Histórico de Ipê

Você sabe o que é um Museu?

Fonte: Parisoto, acervo pessoal,2020.

Outra contribuição para a construção do acervo do Museu, quando ele estava sendo organizado no ano de 2012, foi a da comunidade da Vila Segredo a partir de uma conversa que a diretora do Museu, Cristiane dos Anjos Parisoto, estabeleceu com o padre responsável pela paróquia na época. Através desse diálogo surgiu a oportunidade de peças de um antigo museu da região,

integrarem o acervo do recente Museu Municipal de Ipê, conforme relata Parisoto:

[...] comunidade do Segredo já tinha feito um Museu há muitos anos atrás e [...] as peças estavam todas guardadas num porão, no porão da casa paroquial e que o padre estava disposto a achar alguém pra doar porque ele não queria mais aquelas peças lá [...] Conversei com o padre e ele me disse: “não, pode levar tudo o que você quiser”. Só tinha uma regra: não podia trazer nada que fosse da igreja. Assim, se tivesse alguma peça mais quadros, qualquer coisa que fosse vinculada à religião, que fosse da paróquia, eu tinha que deixar porque ele próprio queria montar um memorial pra eles. Então eu acabei fazendo esse contato com ele, esse contato foi muito tranquilo. Aí eu cheguei, era um lugar muito escuro, mas aí abrindo as janelas e tal eu fui vendo, eu descobri muita peça, no dia que eu fui lá eu já tive certeza que muitas daquelas peças seriam muito úteis [...] (PARISOTO, entrevista 2020).

Para que as peças integrassem o Museu se realizou um termo de comodato⁹, assegurando que elas tivessem um lugar mais apropriado de guarda e preservação e que quando a comunidade de Vila Segredo resolver ter seu próprio espaço cultural, elas possam retornar em segurança. Ou seja, as peças continuam pertencendo à Vila Segredo, mas passaram a ser conservadas e expostas no Museu Histórico de Ipê.

Embora as tratativas da transferência do acervo da Vila Segredo para o MHI tenham ocorrido de forma pacífica, com a anuência do padre, devemos ressaltar que não foi realizada a sua doação e sim, empréstimo. Aqui cabe informar o fato de existir uma certa “rivalidade” entre os moradores de Vila Segredo e do centro de Ipê, pois durante a emancipação do Município Ipê, os moradores da Vila Segredo consideravam que essa localidade é que tinha estrutura para ser emancipada. Entretanto, devido à aproximação entre Ipê e o Município de Vacaria, ao qual os dois distritos pertenciam, optou-se pela emancipação de Ipê. Não foi possível encontrar registros que confirmem essa informação, porém essa situação é muito conhecida e difundida tanto pelos moradores do município de Ipê quanto os da Vila Segredo, podendo ser esse o motivo do acervo não ter sido transferido de forma definitiva ao MHI.

9 De acordo com Padilha (2014, p. 30), Comodato é um “contrato celebrado entre um museu e uma instituição (ou indivíduo) particular que, entre outras coisas, estipula que o nome do proprietário (ou a logomarca) deve ser divulgado pelo museu. Trata-se de um contrato longo, a partir de cinco anos (podendo variar por muito mais tempo). Ao seu final, pode ser renovado; é regido pelo código civil.”

O Museu teve diversas sedes desde que foi aberto em 2012, sendo que,

[...] em setembro do ano seguinte, lá em 2013, o Museu foi aberto, então foi alugado uma casa né? A casa da Tia Mimi que é uma casa bastante antiga, está presente nas fotos do Município já há muito tempo, mas é uma casa de madeira, enfim que precisava também de alguns ajustes, mas era uma bem conservada e nós acabamos nos mudando pra lá, então ficamos um tempo ali, mas o proprietário da casa acabou falecendo e a família pediu a casa de volta e nós precisamos nos mudar né? Foi esse o motivo e aí as peças voltaram pro Seminário, mas não mais pra sala [...] porque lá já funcionava outra coisa [...] então nós fomos pra uma sala que funcionava uma fábrica antes uma fábrica de calçados né? É um lugar muito amplo, mas tinha acessibilidade zero, era um labirinto, tinha muito escada, entrada direto da rua, as janelas muitas de vidro, outras de estrutura, batia sol durante muito tempo então as peças ficaram no centro desse salão esperando que a gente conseguisse um espaço melhor [...] (PARISOTO, entrevista 2020).

Conforme o relato da professora e primeira diretora do MHI, essa instituição, a partir de setembro de 2013 passou a ocupar a casa da Tia Mimi, “como era conhecida Maria Gislaine Calliari, irmã da ex-diretora da Escola Frei Casimiro, Maria Antônia Calliari “(MARCON, 2017, p.321). A casa se localiza no centro da cidade e foi alugada pela prefeitura para o funcionamento do Museu, que era aberto ao público de terça a sexta-feira no horário da tarde, da 13:30 às 17:00 horas com o atendimento realizado pelos alunos integrantes do Núcleo de Preservação juntamente com a diretora Cristiane. O Museu no ano de 2016 passou a contar com o serviço de uma recepcionista, servidora municipal que trabalhava no MHI no horário da prefeitura, que era das 7:45 às 12:00 horas, e, de tarde, da 13:30 até as 17:00 horas. O Museu também era aberto quando ocorria alguma festa na cidade, como a Expoipe e a Festipê, e também na semana do município e na abertura do Natal Ideal, festa acontecida na cidade na véspera de natal com a chegada do papai Noel, ou quando tinha movimento na cidade, no final de semana no horário da tarde.

Logo que passou a ocupar a casa da Tia Mimi, o Museu dispôs de maior espaço para a colocação do acervo do que no prédio anterior, e o espaço foi sendo organizado da seguinte forma: a sala de entrada com uma foto panorâmica do município, uma sala com objetos alusivos à agricultura e ao comércio; uma sala representando a religiosidade com imagens e quadros de santos, uma sala com mobília de dormitório; a cozinha, o banheiro, usados como

espaços expositivos; uma biblioteca e um pátio. Na nova sede, a campanha de doação de acervos continuava ativa, embora não fosse tão forte a sua divulgação quanto no momento da criação do Museu, mas ainda havia pessoas que doavam seus objetos ao museu.

Figura 13 – Prédio da 2ª sede do MHI



Fonte: Faria, Rádio Solaris, 2013

Figura 14 –Visitação guiada no MHI durante a Semana de Arte e Cultura do Município



Fonte: Facebook,2014.

Figura 15 – Sala com mobília de dormitório - 2ª sede do MHI



Fonte: Zanotto, s.a

Figura 16- Sala com objetos religiosos- 2ª Sede do MHI



Fonte: Parisoto,2020.

Atualmente o Museu está localizado em uma casa próxima à Prefeitura no centro do Município. Essa sede não é própria, é alugada pelo poder público

municipal e tem como público-alvo a comunidade escolar e o público espontâneo. Em todas as sedes que o MHI passou nenhuma delas contou com um espaço para constituir uma reserva técnica, fazendo com que o museu sempre tivesse de expor todo o seu acervo.

No ano de 2020, o MHI ficou aberto no período de fevereiro até metade de março. Nesse espaço o Museu segue organizado por núcleos expositivos representando a cultura local, porém esta sede não é a definitiva do Museu. Segundo a diretora

[...]nesse meio tempo a prefeitura estava negociando o próprio prédio do Seminário que uma parte ainda hoje é usada pelos padres e havia a promessa que nós teríamos uma sala grande aqui no próprio seminário e foi por isso que nós esperamos. Não fomos atrás de outro lugar. Hoje estamos falando, dia 14 de fevereiro de 2020, o Seminário foi comprado pela prefeitura e muito em breve nós teremos este espaço, mas ainda demora [...] daqui um tempo provavelmente o Museu volte para o Seminário e eu espero que de forma definitiva [...]. (PARISOTO, entrevista, 2020)

Figura 17 – Sede atual do MHI



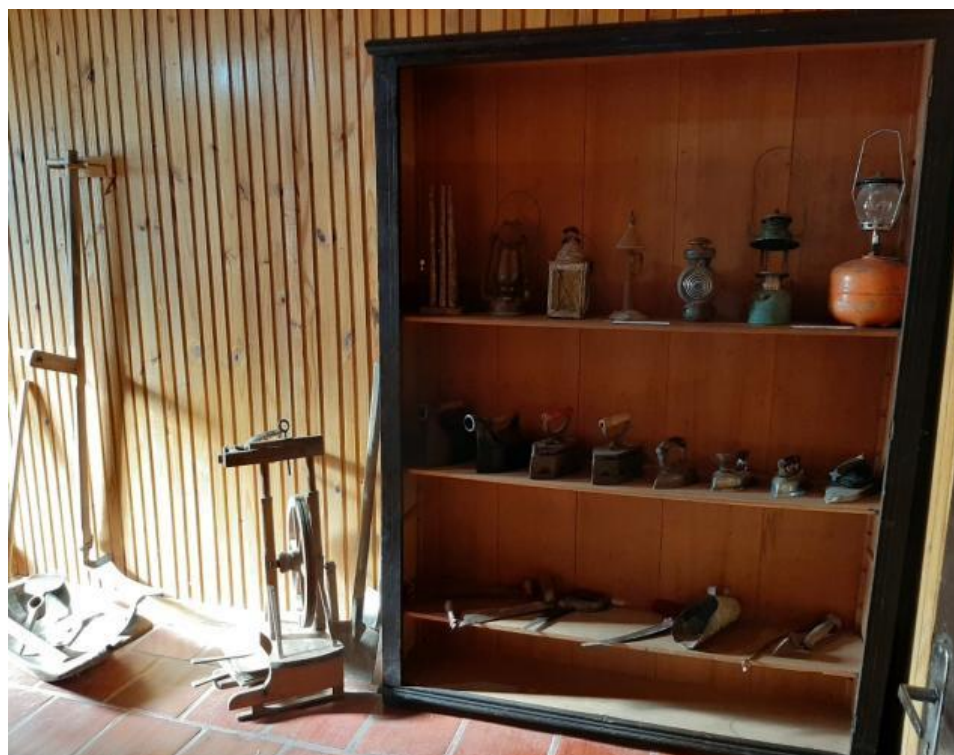
Fonte: Prefeitura de Ipê, 2020, doc.eltr.

Figura 18 – Espaço expositivo do MHI – sala de entrada (atual)



Fonte: PARISOTO, 2020.

Figura 19 – Sala de exposição – sede atual do MHI



Fonte: PARISOTO, 2020.

Não é o objetivo desse trabalho analisar as exposições do MHI, mas cabe informar que a exposição de todos os objetos do acervo, já que não possui espaço para a reserva técnica, é feita sem a presença de textos explicativos, apenas legendas dos objetos. Para a identificação de uma problematização da exposição, depende-se, necessariamente, de um mediador.

Após trazermos algumas informações sobre a constituição e funcionamento do Museu de Ipê, cabe ressaltar que essa instituição surgiu com a intenção de “[...] contribuir no processo de conscientização, apropriação, identificação e preservação do Patrimônio histórico e cultural de Ipê” (PARISOTO 2012, p. 670). Entretanto, para que o Museu cumpra sua intenção, faz-se importante pensar na gestão de seu acervo para que não seja um depósito de objetos velhos, mas um lugar de preservação de determinada cultura material, a partir da qual seja possível a produção e ampliação de conhecimento sobre a história do município e sua comunidade. Nesse sentido, no capítulo seguinte, é descrita a formação do acervo do MHI e sua gestão documental, procurando identificar os critérios utilizados nessas ações de preservação.

3 RAMIFICAÇÕES MUSEAIS: a gestão de acervos e a documentação do Museu Histórico de Ipê

Este capítulo destina-se a apresentar o que é e qual a finalidade da gestão de acervos nas instituições culturais, investigando as formas de aquisição, registro e controle do acervo do Museu Histórico de Ipê (MHI), bem como procurando identificar que tipo de museu de cidade ele pode ser caracterizado.

3.1 Um ramo museal: a gestão de acervos

Os ramos pertencem ao sistema caulinar das árvores e através dele tem-se a folhagem e as flores. A gestão de acervos pode ser considerada como uma ramificação dentro das instituições culturais, pois com ela desenvolvem-se etapas primordiais para o bom funcionamento destes espaços.

Os museus têm como função social cumprir a tríade museológica que compreende preservação, pesquisa e comunicação contudo para que isso ocorra é necessário pensar em uma gestão de acervos eficaz.

A gestão de acervos compreende processos éticos, legais e administrativos (CÂNDIDO, 2014), que perpassam todos os procedimentos relativos à preservação e comunicação aos quais os objetos devem ser submetidos a partir de sua entrada no museu. Nesse sentido, a gestão de acervos é imprescindível para a organização e preservação dos acervos museológicos, conforme indica Edson (2004, p. 145).

Sem gestão própria, um museu não pode providenciar a preservação e a utilização adequada do acervo, nem pode manter e apoiar uma exposição e um programa educativo eficaz. Sem uma gestão qualificada, pode perder-se o interesse e a confiança pública e o reconhecimento e valor do museu, como instituição ao serviço da sociedade, pode ser posto em perigo. (EDSON, 2004, p. 145).

Todas as atividades do museu devem estar de acordo com a sua missão, estabelecida e registrada no Plano Museológico¹⁰. A política de gestão de acervos pode estar documentada, igualmente no Plano Museológico, mas também disseminada em outros documentos institucionais para conhecimento de todo o corpo funcional, que deve tomá-la como referência em suas ações. Assim, considera-se que a política de gestão é,

Baseada na declaração de missão do museu e noutros documentos de políticas fundamentais,[...].Uma vez documentada a política de gestão do acervo serve como guia prático para o pessoal do museu e como documento público que explica como o museu assume a responsabilidade pelo acervo ao seu cuidado.(LADINK, 2004, p.18)

Portanto, a boa gestão de acervos faz com que as coleções presentes nos museus fiquem asseguradas e nesse sentido atuam as ações de documentação museológica, que visam proporcionar a identificação e controle de cada peça do acervo. Como menciona Padilha (2014, p. 11), “a documentação museológica se apresenta como uma função norteadora nas etapas do fazer museológico, na gestão e no controle do seu acervo”.

Uma boa documentação museológica faz com que os objetos se tornem fontes de informação, pois a

[...] documentação possui essencialmente o objetivo de organizar e de possibilitar a recuperação da informação contida em seu acervo. Uma vez realizadas essas ações, os objetivos e/ou as coleções museológicas se tornam fonte de informação [...] que poderá produzir novos conhecimentos (PADILHA,2014, p. 35).

¹⁰ “Ferramenta de gestão estratégica dos museus [...] define conceitualmente a missão, os valores, a visão e os objetivos de uma instituição [...] Um Plano Museológico deve representar o passado, o presente e o futuro da instituição[...] deve ser elaborado com a finalidade de orientar a gestão de acervos.” (SABER MUSEUS, s.a, doc.eletr.)

As instituições culturais devem, portanto, estabelecer políticas, explicitadas em documentos, que visem garantir a proteção de seus acervos, evitando que os museus, por exemplo, se tornem um depósito de toda sorte de peças. Nesse sentido, destaca-se que é necessário que a política de aquisição e a missão do Museu estejam claras para que os objetos provenientes das mais diferentes formas de coleta não acabem criando uma “[...] discrepância entre a coleção [...] e a [...] proposta do museu [...] sem possibilidades de estabelecimento de vínculo.” (CAMARGO-MORO, 1985 p.18), garantindo que o acervo presente na instituição se torne fonte de pesquisa e de conhecimento e não apenas um depositário de toda a sorte de objetos.

Compreendendo o processo de gestão que as instituições devem desenvolver para que seus acervos sejam assegurados e que estejam de acordo com sua missão institucional, conforme anteriormente mencionado, partimos para a análise desse processo junto ao MHI.

3.2 A gestão de acervos do museu histórico de Ipê – um estudo através dos documentos institucionais

O MHI não possui uma missão registrada, nem tampouco, Plano Museológico, porém a diretora da instituição entende que:

[...] a missão do Museu é principalmente fazer com que as pessoas daqui do lugar reconheçam a sua história e se importem com ela [...] nós colocamos que é “Conhecer para amar e aí cuidar”. Então essa seria a missão: conhecer a história para que a gente possa se identificar, se importar com ela e aí preservá-la. (PARISTO, entrevista, 2020)

Pelas palavras da diretora do Museu que, como visto no capítulo anterior, acompanhou a criação e, portanto, conhece a realidade e as intenções dessa instituição, o MHI tem como missão divulgar a história do município de Ipê. Entretanto, não fica claro o que isso exatamente significa, ficando a dúvida: trata-se de representar a história local a partir do discurso oficial das autoridades municipais administrativas, já que o MHI pertence à prefeitura, e/ou seria a história representada através da sua população, seus modos de ser e estar nesse local? Para melhor entender a intenção e os discursos estabelecidos no

MHI, buscamos analisar os processos de aquisição do acervo, para identificarmos se a missão não registrada, mas “declarada” ou intencionada pela diretora estão representadas no acervo.

A política de aquisição deve tomar por base a missão institucional. Tendo em vista que o MHI não possui, como já dito, missão registrada, não apresenta também nenhum documento onde as regras de avaliação de aquisição de acervo estejam definidas e registradas. Cabe ressaltar que a política de aquisição é um documento importante, no sentido que estabelece os critérios de aquisição e também de descarte de objetos do acervo do museu, evitando, conforme coloca Camargo-Moro (1985, p.19), “o acúmulo de peças inúteis, sem significado, sem valor em função do museu”. Essa mesma autora também destaca a necessidade do estabelecimento de uma política de aquisição dizendo que que “um museu que possui uma boa política de aquisição dignifica não apenas seu acervo, mas também seu doador, seu legatário, seu coletor, enfim todos aqueles envolvidos na transação”. (CAMARGO-MORO, 1985, p. 19-20).

Relativo à conformação do acervo do MHI, a diretora da instituição, como descrito no capítulo anterior, realizou em 2012 campanha de doação de acervo para a inauguração do Museu, onde solicitava a colaboração dos moradores da região na doação ou cedência temporária de objetos, conforme descrito no folder de divulgação do MHI: “Aqueles que possuem peças, objetos, documentos ou fotografias antigas, podem doá-las ou cedê-las para compor o acervo do museu” (Figura 20).

Figura 20 - Flyer de divulgação do MHI

"Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes."
(IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus)



MUSEU DE IPÊ



Vista parcial de Vila Ipê em 1945

A criação do museu possibilitará o reconhecimento das origens desse lugar e certamente será uma excelente forma de homenagear aqueles que fizeram e fazem parte dessa história.

Como posso contribuir?

Aqueles que possuem peças, objetos, documentos ou fotografias antigas, podem doá-las ou cedê-las para compor o acervo do museu.

A exposição será aberta ao público na semana de aniversário do município em comemoração aos 25 anos de emancipação do município de Ipê que acontecerá de 08 a 15 de dezembro de 2012.

Todas as peças terão a identificação de quem as doou ou cedeu.

Contamos com sua participação!

Secretaria de Educação e Cultura
(54) 3233 1345 ou (54) 9971 2883
Profª Cristiane dos Anjos Parisoto
museuhistoricoipe@gmail.com

Fonte: Facebook, 2014.

Percebe-se na divulgação da campanha os dois critérios de seleção para a formação do acervo do MHI: a procedência e a antiguidade. Ou seja, objetos pertencentes aos moradores da região onde o museu estava se estabelecendo e que deveriam ser “antigos”, sem, entretanto, esclarecer o parâmetro dessa antiguidade. A partir desses dois critérios seletivos bastante abrangentes, enquadra-se uma vasta gama de tipologias de objetos que poderiam ser incorporados ao acervo do museu que estava sendo criado. No folder também está escrito que “todas as peças terão a identificação de quem as doou ou cedeu”, parecendo que tal identificação do doador seria feita na etiqueta da peça exposta, já que nas sedes do MHI não existiu ou existe ainda, Reserva Técnica. Portanto, o critério da proveniência ganha relevância.

O MHI possui atualmente em torno de 600 peças, doadas pelos moradores da cidade e seus distritos, incluindo a coleção proveniente da Vila Segredo. As pessoas doaram os mais diversos tipos de objetos, sendo a primeira peça a integrar o acervo, um relógio despertador doado por um dos alunos da diretora do Museu, que à época atuava como professora na rede municipal e divulgou a campanha nas escolas em que atuava, conforme exposto no capítulo anterior.

Relativo à ausência de critério de escolha para a aquisição do acervo, caracterizado como uma aquisição passiva, Cândido (2014) nos relata que há o risco de o museu adquirir muitas peças desnecessárias, no sentido de não estarem de acordo com a missão institucional e gerarem custos de conservação, drenando recursos que muitas vezes o museu não possui.

A aquisição passiva, que consiste em receber o que é doado sem que haja critérios de escolha, é um problema. Muitos museus gastam seus poucos recursos no cuidado com coleções que não alimentam sua missão, não interessam ao seu público e não apoiam seus planos de pesquisa, de exposição e de educação [...]. (CÂNDIDO, 2014, p.29)

Não possuindo o MHI um critério seletivo mais elaborado, ou menos abrangente, possibilita qualificar sua aquisição de acervo como passiva. Nesse sentido, o risco de muitos objetos iguais integrarem o acervo gerando acúmulo de itens e custos em sua manutenção, é grande. Talvez a justificativa de provável repetição de itens seja o fato de os objetos terem sido doados por diferentes integrantes da comunidade, valorizando o critério da proveniência, como antes mencionado.

Através da pesquisa realizada *in loco* foi possível averiguar a repetição de alguns objetos que compõem o acervo do Museu, pois como seu acervo é todo exposto, pode-se observar, por exemplo, que há vários ferros de passar do mesmo tipo, bem como lampiões (Figura 21), entre outros objetos que não foi feito registro fotográfico, mas que faz-se presente na fala da diretora do Museu.

[...] eu lembro primeira máquina de costura que chegou, um senhor veio trazer. A gente subiu todas as escadas com ela, foi toda uma emoção, uma máquina de costura! Hoje nós temos umas oito porque muita gente soube que tinha “ah eu também quero, eu vou levar”. E aí eu não sabia como falar pra pessoa que: “ah a gente já tem bastante” [...] (PARISOTO, entrevista 2020)

O depoimento da diretora evidencia que a repetição de objetos faz parte da constituição do acervo do MHI, bem como a consciência de que isso é desnecessário, mas que por respeitar a proveniência, ou seja, a vontade do doador em colocar seu objeto no Museu, a doação acaba sendo aceita. Esse ponto novamente reforça a importância de uma política de acervo registrada, pois assim pode-se recusar, de forma fundamentada em norma institucional, uma oferta que não agrega valor ao acervo.

Figura 21 – Alguns objetos repetidos



Fonte: Faria, Rádio Solares (s.a)

Também é possível constatar que há objetos que representam o trabalho na terra através das ferramentas, e o dia a dia da comunidade, como explicito na fala da diretora do MHI:

[...] foram chegando peças e peças e ai quando eu uni todas elas e, principalmente depois que eu fui ao Segredo, eu vi que muitas dessas coisas eram domésticas, eram coisas do cotidiano ou do trabalho na agricultura, muita ferramenta sobre agricultura ou então peças do lar mesmo [...] dia a dia das famílias. Então acabou que nós fizemos uma sala com coisas relacionadas ao trabalho, principalmente ao trabalho com a madeira e a agricultura, serrarias enfim e o restante cada peça representando uma peça da casa, do quarto, da cozinha. Foi dessa forma (PARISOTO, entrevista 2020)

Figura 22- Objetos de trabalho agrícola - MHI



Fonte: Marciho, Rádio Solares (s.a)

Figura 23 – Mobília de dormitório - objetos da vida cotidiana - MHI



Fonte: Parisoto, 2020.

Figura 24 – Mobiliário e objetos diversos – vida cotidiana - MHI



Fonte: Parisoto,2012.

A diretora do MHI relata que mesmo não possuindo uma política de aquisição institucionalizada, sempre teve a preocupação de registrar o máximo de informação possível oriundas dos objetos doados à instituição. Deve-se considerar que embora nem todas as peças possuam registro, em parte, talvez, por conta das mudanças de sede que ocorreram, acarretando perda de documentação nos traslados realizados, a diretora estima que a maioria dos objetos possua algum tipo de documentação, configurada em instrumentos de registros por ela desenvolvidos.

Em entrevista a diretora Paristo (2020) relatou que não possuía experiência em gestão documental. Já havia atuado no Museu Thiago de Castro, contudo na parte educativa. Diante disso, buscou informações para que pudesse atuar no registro e proteção do acervo do MHI.

[...]quando foi para abrir o museu (MHI) eu entrei em contato com a Carla lá no Thiago de Castro e ela me mandou todos os arquivos: “ah Cris a gente tem esses formulários, essas fichas” e ao mesmo tempo eu estava inscrita, por trabalhar lá no Museu, [...] num curso do Sistema Estadual de Museus de Santa Catarina. Foi um curso que aconteceu na cidade de, não vou lembrar agora, se era Campo Belo [...] não lembro qual foi o município agora, mas enfim, que veio todo um material [...]. A gente fez oficina, nós ficamos um final de semana. Eu cheguei na sexta e fomos até no domingo fazendo, não, acho que de quinta a sábado, enfim, nós ficamos fazendo a prática. Eles entregavam uma peça e a gente tinha que fazer a ficha, então foi uma oficina de capacitação muito boa. Eu não tinha feito o Módulo 1, mas fiz o Módulo 2 e foi muito bom Então foi dali dessa formação, a secretária me liberou pra eu poder ir, me ajudou com os custos e eu fui

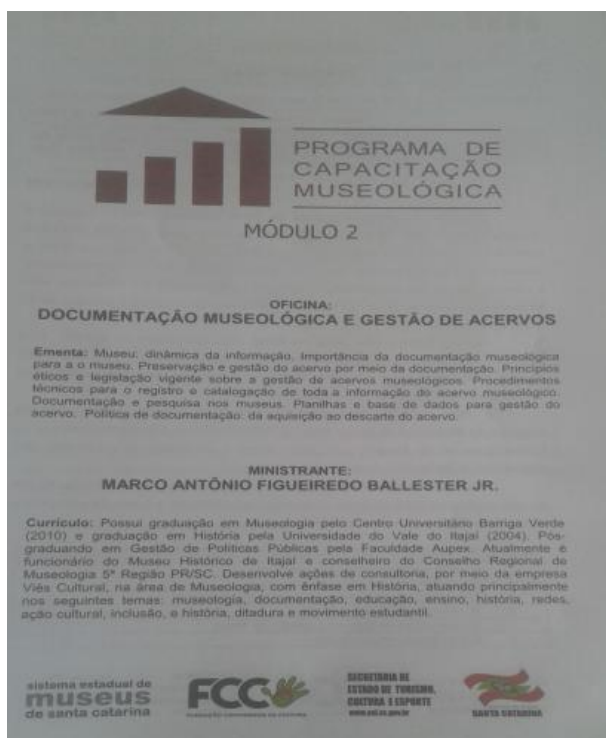
pra fazer esse curso com o pessoal do Museu com quem eu trabalhava.(PARISOTO, entrevista, 2020)

Figura 25 – Capa do Programa de Capacitação Museológica



Fonte: Parisoto, acervo pessoal,2020.

Figura 26 - Programa de Capacitação Museológica -Módulo 2



Fonte: Parisoto, acervo pessoal (2020)

O curso ajudou a diretora do Museu a ter uma base de como organizar e registrar as informações obtidas a partir dos objetos, levando à criação de instrumentos de documentação, garantindo, minimamente a segurança do acervo.

A partir das informações obtidas no livro Documentação Museológica e Gestão de Acervos de autoria da museóloga Renata Cardoso Padilha (2014) e da Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de Museus: Categorias de Informação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC-ICOM) do ICOM (2014), realizou-se uma listagem (Quadro 1) identificando os instrumentos contemplados no MHI.

Quadro 1- Listagem dos instrumentos de registro, identificação e movimentação do acervo do MHI

Documento	Possui	Não possui
Arrolamento	X	
Livro Tombo	X	
Inventário	X	
Ficha de catalogação	X	
Ficha de campo		X
Laudo Técnico		X
Numeração/ Marcação	X	
Termo de aquisição (doação)	X	
Termo de empréstimo		X
Termo de pesquisa		X
Termo de comodato	X	
Termo de transferência		X
Termo de Permuta		X
Termo para o transporte do acervo		X

Fonte: A autora, 2020.


Identificamos, portanto, que o MHI, como já mencionado, não possui documentos fundamentais para a boa gestão do acervo – plano museológico com missão registrada; regimento interno e política de aquisição e descarte – mas conta com instrumentos de identificação e registro do acervo, como demonstra o quadro acima.

A diretora na criação do museu, preocupou-se em conseguir o máximo de informações sobre os objetos e seus doadores, as quais ela registrava na ficha/termo de doação, possibilitando a criação dos demais instrumentos de documentação, os quais passaremos a analisar individualmente.

Um dos instrumentos foi o arrolamento, criando-se dois deles, o primeiro arrolamento relativo às peças do Distrito de Segredo (Figura 27), que estão em comodato no MHI, com respectivo Termo, possibilitando a identificação exata dos objetos oriundos daquela comunidade, contando com um total de 556 peças. As informações que compõem esse instrumento são: o número, que possuem a letra S à frente como forma de identificar que o objeto pertence à Vila Segredo; o material de que é feito o objeto e um campo para as observações.

O segundo arrolamento (Figura 28) é mais abrangente em termos de campos informacionais, contando com peças doadas ao museu pela comunidade e as pertencentes à Vila Segredo. Esse arrolamento apresenta os seguintes campos: número do arrolamento; ficha de doação/empréstimo; ficha de identificação; numeração da peça; placa de exposição. O arrolamento encontra-se parcialmente preenchido, com apenas 139 peças arroladas, pois este levantamento de dados foi feito no início do funcionamento do museu entre os anos de 2012-13 e não foi mais atualizado.

Figura 27- Arrolamento peças Vila Segredo



MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ ANEXO - CONTRATO DE COMODATO
COMUNIDADE DE VILA SEGREDO


ARROLAMENTO DE PEÇAS

Nº	OBJETO	MATERIAL	OBSERVAÇÕES
S001	Armário com 2 portas e prateleiras	Madeira	Sem vidro
S002	Balcão com 2 portas e 2 gavetas preto	Madeira	
S003	Armário com 4 prateleiras	Madeira	Sem vidro 5 portas
S004	Balcão de mercearia com 4 portas atrás	Madeira	Sem vidros
S005	Balcão com espaço para guardar discos de vinil, 2 portas	Madeira	Sem tampa
S006	Mesa quadrada cor azul	Madeira	
S007	Cadeira com encosto	Madeira	
S008	Cadeira	Madeira	
S009	Bidê com uma gaveta sem puxador	Madeira	Sem porta
S010	Bidê com 1 gaveta e uma porta sem puxadores	Madeira	
S011	Bidê com 1 gaveta e 1 porta com puxador vermelho		
S012	Bidê com 1 gaveta e 1 porta		Precisa consertar a porta
S013	Máquina de costura SINGER com suporte	Ferro e madeira (suporte)	
S014	Banqueta de madeira estofada estampa floral		
S015	Mala de viagem		
S016	Mala		
S017	Rádio com 4 botões marca SEMP	Madeira	
S018	Aparelho televisor Philco Eletronic Soft Selector		Com antena e botões
S019	Aparelho televisor caixa madeira		Com alça e 5 botões
S020	Vitrola à manivela PAILLARD	Madeira e metal	
S021	Vitrola PHILIPS portátil		Com tampa
S022	Máquina de escrever OLIVETTI Linea 98		
S023	Máquina de escrever OLIVETTI Linha Profissional		
S024	Jarro de barro com tampa para filtrar água		
S025	Barril pequeno madeira para guardar destilados		
S026	Lâmpião à querosene (de parede) bilhete		Bilhete Alice Detófono
S027	Ferro de passar (MIMOSO) à brasa	Ferro	Cabo madeira
S028	Ferro de passar (elétrico)	Ferro	Cabo madeira

1

Fonte: MHI, doc. digitalizado, 2020.

Figura 28 – Arrolamento das peças do MHI



MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ

ARROLAMENTO DE PEÇAS

Nº	OBJETO	Ficha de doação/ empréstimo	Ficha de Identificação	Numeração na peça	Placa exposição
	forma de fazer vela	Segredo			
	lâmpião quadrado c/ vidro			049	OK
	lâmpião à querosene	Sim		025	OK
	lâmpião à querosene (verde)	Com			
	lâmpião à querosene (Antônio)	Com		066	OK
	lâmpião c/ bilhete	Com			
	ferro de passar à querosene	Segredo			
	ferro de passar à brasa	Não		021	OK
	ferro de passar c/ cabo e manivela preto	Não			
	ferro de passar à brasa	Sim			OK
	ferro de passar elétrico	Sim			OK
	ferro de passar elétrico	?			
	Televisor Philips	Com			
	plano de manta	Segredo			OK
	quadro	Segredo			OK

Fonte: MHI, doc. digitalizado, 2020.

O MHI possui dois livros tombo, ambos abertos em 2012, com folhas numeradas e rubricas. O primeiro livro (Figura 29) possui termo de abertura (Figura 30) e é composto por apenas quatro campos de informação: número do objeto; data de entrada; classificação e espaço para a descrição do objeto. Apresenta o total de somente 30 objetos registrados. Não foi realizado termo de

encerramento, embora tenha sido substituído por novo Livro Tombo. Isso ocorreu após a realização do Curso de Capacitação Museológica, quando a diretora do Museu optou pela realização de outro livro tomo, mais completo, poucos meses depois da abertura do primeiro livro tomo, que foi em 17 de agosto de 2012 e o segundo livro em 08 de novembro deste mesmo ano.

O segundo livro tomo (Figura 31) aumentou significativamente o número de campos de informações sobre o seu acervo: número tomo; número do objeto; nome dado ao objeto ou título no caso de livros, fotos, pinturas; material ou técnica empregada; dimensões; data da aquisição; modo de aquisição; procedência; origem; estado de conservação; observação (Figuras 32 e 33). Contudo, observa-se que esse livro ainda não possui nenhum registro de objetos.

Figura 29 - Termo de abertura Livro Tombo 1

TERMO DE ABERTURA DO LIVRO TOMBO
Este Livro do Tombo, contendo 100 folhas numeradas que levam a minha rubrica <u>Christiane dos Anjos Parisoto</u> , servirá para inscrição do Tombo dos Bens Históricos, Bibliográficos, Arqueológicos, Etnológicos, e de Artes Aplicadas originárias, produzidas ou utilizadas no município de Ipê.
Ipê, 17 de Agosto de 2012.
<u>Christiane dos Anjos Parisoto</u> Historiadora

Fonte: MHI, doc. digitalizado, 2020.

Figura 30 – Campos de informação Livro Tombo 1

TOMBO Nº 02	Relógio despertador na cor verde, de ferro, com vidro na parte da frente. Possui botões na parte superior para desligar o despertador, e na parte de trás tem botões de girar para ajustar a hora, dar corda e programar para despertar.
DATA DE ENTRADA 08/09/2012	
CLASSIFICAÇÃO	
TOMBO Nº 02	Crucifixo com base de madeira, cruz e detalhes nas extremidades em metal e imagem de Cristo em plástico com pintura metalizada dourada.
DATA DE ENTRADA 10/09/2012	
CLASSIFICAÇÃO Religiosidade	

Fonte: MHI, doc. digitalizado, 2020.

Figura 31 – Termo de Abertura Livro Tombo 2

TERMO DE ABERTURA DO LIVRO TOMBO

Este Livro Tombo, contendo 100 folhas numeradas que levam a minha rubrica Atal, servirá para inscrição do Tombo dos Bens Históricos, Bibliográficos, Arqueológicos, Etnológicos e de Artes originárias, produzidas ou utilizadas no município de Ipê.

Ipê, 08 de novembro de 2012.

Christiane dos Anjos Paisoto
Historiadora responsável pela organização do acervo

Fonte: MHI, doc. digitalizado, 2020.

Figuras 32-33– Campos de informação do Livro Tombo 2

Nº Tombo	Nº Objeto	Objeto / Título	Material / Técnica	Dimensões
001	001			

Data Aquis	Modo Aquis	Procedência	Origem	Estado Cons.	Observações

Fonte: MHI, doc. digitalizado, 2020.

O MHI conta com um total de 582 fichas preenchidas, essas se dividem em fichas de identificação dos objetos que são separados nas seguintes categorias: objetos tridimensionais, jornais e livros; ficha de empréstimo e fichas de doação.

Conta-se com um total de 56 fichas de identificação dos objetos, que estão preenchidas parcialmente, essas fichas possuem dados que podem ser divididos em grupos de informação ou seções. Primeiramente são identificados o número de tomo do objeto, em qual livro se encontra registrado, sua categoria, que entendi como sendo classificação, e o número de peças do objeto, provavelmente para registrar o número total de peças desmembráveis de objetos que formam um conjunto. O segundo grupo de informações solicita o nome do objeto, a descrição do objeto, no caso descrição física ou intrínseca, tendo em

vista que o campo seguinte é destinado à história do objeto. Posteriormente, a terceira seção é destinada ao registro de informações relacionados à aquisição dos objetos: data e forma de aquisição; nome e contado do doador. A próxima seção da ficha apresenta campos relacionados a dados físicos do objeto: largura, diâmetro, circunferência, comprimento, espessura, peso e profundidade. Segue-se seção solicitando as informações de estilo, época/data, procedência, inscrições/marcas, material, fabricação, condições de legibilidade, processos de restauro e/ou indicação de necessidade de restauro seguido de campo para observações diversas. A ficha também apresenta campo para informações que devam constar na etiqueta do objeto. O último grupo ou seção da ficha, é destinado à identificação da localização do objeto: no museu com a identificação do número da sala e vitrine; na reserva técnica com indicação do número da estante e prateleira. Por fim, apresenta três possibilidades de seleção da localização da peça: em exposição no museu; guardada na reserva técnica; outros locais, sendo que nessa última alternativa há espaço para completar a informação. Ao final, a ficha deve conter o nome do responsável pelo preenchimento e a data.

Figura 34- Ficha de identificação de peças MHI

MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ

Nº TOMBO: 01
 LIVRO: _____
 PÁGINA: _____
 CATEGORIA: _____
 Nº PEÇAS DO OBJETO: _____

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE PEÇAS

NOME DO OBJETO:
Relíquia dispendida

DESCRIÇÃO DO OBJETO:
É um relíquia dispendida, em profundidade verde, foi fabricada por uma ourivesaria brasileira, feita de metal e vidro, com 9,5 cm de diâmetro, possui furos na parte superior para decoração e dispendida, na parte inferior tem dentes de vidro para ajustar a boca, das rodas programadas para dispendida.

HISTÓRIA DO OBJETO:

DATA DA AQUISIÇÃO: 08 / 03 / 2012
 FORMA: () DOAÇÃO () COMPRA () PERMUTA () EMPRÉSTIMO
 DOADOR: NOME: _____ FONE: () _____

DESCRIÇÃO FÍSICA: ALTURA: 9,5 cm LARGURA: 9,5 cm
 DIÂMETRO: 9,5 cm CIRCUNFERÊNCIA: _____
 COMPRIMENTO: _____ ESPESSURA: _____
 PESO: _____ PROFUNDIDADE: _____

MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ

ESTILO: _____ ÉPOCA/DATA: _____
 PROCEDÊNCIA: _____ INSCRIÇÕES/MARCAS: Kiomyde
 MATERIAL: metal e vidro FABRICAÇÃO: industrial

LEGIBILIDADE: () ÓTIMO () BOM REGULAR () RUIM () PÉSSIMO

JÁ FOI RESTAURADO: () SIM NÃO
 PRECISA SER RESTAURADO: SIM () NÃO

OBS.: _____

DADOS PARA ETIQUETA:

LOCALIZAÇÃO NO MUSEU: SALA ACERVO Nº: _____
 VITRINE Nº: _____

LOCALIZAÇÃO NA RESERVA TÉCNICA: ESTANTE Nº: _____
 PRATELEIRA Nº: _____

A PEÇA ESTÁ ATUALMENTE: () EXPOSIÇÃO NO MUSEU
 () GUARDADA NA RESERVA TÉCNICA
 () OUTRO LOCAL: _____

FICHADO POR: Tula Zilotto DATA: 10 / 10 / 2012

Fonte: doc. digitalizado MHI ,2020.

A ficha de catalogação dos jornais (Figura 35), em sua primeira seção identifica o número tomo do jornal, a sua categoria e localização, através dos campos: estante, prateleira e pasta. A segunda seção destina-se a informações

da edição: nome do jornal; ano; edição; local onde foi elaborado; número de páginas e a data do periódico. Segue campo para transcrição da manchete principal do jornal, como no exemplo da ficha representada na figura 29, em que a manchete principal é: “Concluído o asfaltamento na Vila Segredo. Ipê tem mais volume de investimentos em obras desde 2003.” Na seção seguinte, as informações solicitadas são relativas à incorporação do jornal ao acervo do MHI, com os campos: data e forma de aquisição, podendo ser selecionado doação, permuta, empréstimo e compra – no caso, chama atenção que se for empréstimo, o museu utilize essa ficha onde solicita número de tombo, pois se o objeto é emprestado ao museu, deve receber um número específico de empréstimo, não devendo ser “tombado”, registrado junto ao acervo do museu. Também nessa seção deve constar o nome e contato do doador. A próxima seção é destinada à descrição da materialidade do jornal e sua condição de conservação, com os campos: altura e largura; condições de legibilidade e conservação. Também solicita análise quanto a necessidade de restauro e se já sofreu esse procedimento em algum momento, com espaço para registro de observações. Essa ficha também encerra com campo para preenchimento do nome do responsável pelo lançamento dos dados e a data desse procedimento. Esse tipo de ficha (Identificação de Jornais) conta com um total de 326 fichas, muitas delas preenchidas parcialmente.

Figura 35 -Ficha de catalogação jornais

MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ

Nº DO TOMBO: _____
 CATEGORIA: _____
 ESTANTE: _____
 PRATELEIRA: _____
 PASTA: _____

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE JORNAIS

NOME DO JORNAL: Arriçama
 ANO: xv EDIÇÃO 473
 LOCAL ONDE FOI ELABORADO: Ipê R. S.
 Nº DE PÁGINAS: 4 DATA DO DOCUMENTO: 15/02/2019.

MANCHETE PRINCIPAL:
concluído satisfatoriamente na 3ª edição.
Ipê não possui nenhuma de investimentos nos dias
de 2003

DATA DA AQUISIÇÃO: ____/____/____
 FORMA: DOAÇÃO PERMUTA EMPRÉSTIMO COMPRA
 DOADOR: NOME: _____ FONE: () _____

DESCRIÇÃO FÍSICA: ALTURA 37 LARGURA: 29
 LEGIBILIDADE: ÓTIMO BOM REGULAR RUIM PÉSSIMO
 ESTADO DE CONSERVAÇÃO: RASGADO MANCHADO COM FUNGO
 ESCRITO COLADO GRAMPEADO PERFEITO

JÁ FOI RESTAURADO: SIM NÃO
 PRECISA SER RESTAURADO: SIM NÃO

OBS _____

FICHADO POR: Alba de Almeida e Colares DATA: 23/03/2019.

Fonte: MHI, 2020, doc. digitalizado.

A ficha de catalogação dos livros (Figura 36), segue as fichas já mencionadas, apresentando alguns campos semelhantes e outros particulares a sua tipologia de acervo. Na primeira seção encontra-se a informação do número de registro, categoria, o número da estante e o número da prateleira. Chama atenção que os livros são tombados, pois possuem número de registro, considerados, portanto, objetos de museu. Entretanto, esses livros são emprestados ao público, configurando-se uma biblioteca, devendo seguir a catalogação bibliográfica e não museológica como ocorre atualmente. A seção seguinte, solicita as informações: título; assunto; autor; ano; local; número de páginas; língua em que foi escrito; editora. O título do livro na ficha ilustrada na figura 36 é “Ansiedade a doença do século”, obra que segundo o registro na ficha trata sobre como combater a ansiedade. Isso chama muito a atenção, pois

coloca a questão de qual a relação desse livro com a suposta missão do MHI, talvez se o autor fosse da região, poderia ser uma justificativa. Mas, novamente parece que aqui poderia ter atuado o critério da procedência, ou seja do doador do livro ser morador da cidade, porém a ficha não apresenta a informação quanto à procedência da obra. A terceira seção da ficha apresenta os campos relativo à aquisição com: data de aquisição; forma de doação; nome e contato do doador, o que também chama a atenção, pois determina que a aquisição terá um doador, necessariamente, desconsiderando as demais opções apresentadas como compra e permuta, já que empréstimo não deveria constar como opção, tendo uma ficha específica. Segue a seção destinada à descrição física do livro, com os campos para as medidas (altura e largura); condições de legibilidade e estado de conservação. Como nas outras fichas também deve ser indicado processos de restauro e/ou a necessidade desse procedimento. Ao final, nome de quem preencheu a ficha e a data. O MHI possui um total de 206 fichas de identificação de livros preenchidas parcialmente.

Figura 36 - Ficha catalogação -livros MHI

MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ

Gaveta 3 Arquivo

Nº DO REGISTRO: B-02
 CATEGORIA: _____
 Nº DA ESTANTE: _____
 Nº DA PRATELEIRA: _____

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS LIVROS

TÍTULO: Ansiedade: a doença de século
 ASSUNTO: Como combater a ansiedade
 AUTOR: Henry Clay Lindgren
 ANO DO LIVRO: 1966
 LOCAL: Ipê - São Paulo
 Nº DE PAG.: 228
 LÍNGUA: português
 EDITORA: Editora Globo

DATA DA AQUISIÇÃO: ____/____/____
 FORMA: DOAÇÃO PERMUTA EMPRÉSTIMO COMPRA
 DOADOR: NOME: _____ FONE: () _____

DESCRIÇÃO FÍSICA: ALTURA: 17,7 cm LARGURA: 10 cm
 LEGIBILIDADE: ÓTIMO BOM REGULAR RUIM PÉSSIMO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: RASGADO MANCHADO COM FUNGO
 ESCRITO COLADO FALTA FOLHA GRAMPEADO PERFEITO

JÁ FOI RESTAURADO: SIM NÃO
 PRECISA SER RESTAURADO: SIM NÃO

OBS.: _____

FICHADO POR: Fernando Suster Pinheiro DATA: 23/11/2012

Fonte: MHI, 2020, doc. digitalizado

O MHI também conta com uma ficha de empréstimo, onde deve ser registrado o número de empréstimo e o título dos objetos a ser emprestados ao museu, bem como o motivo do empréstimo, a data e assinatura do proprietário e do responsável pelo museu. Na ficha abaixo (Figura 37), pode-se observar que houve o empréstimo de três objetos à instituição para a realização da exposição intitulada “Ipê, 25 anos de emancipação”, realizada em 2012. Portanto, nem todos os objetos foram doados pela comunidade, alguns foram emprestados. A ficha não está assinada pelo proprietário dos objetos emprestados ao Museu, nem consta a data da devolução das peças, como deve ser feito.

Figura 37- Termo de empréstimo do MHI

MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ

Ativar
Acesso C

Ipê, 16 de outubro de 2012.

Nº 01


Termo de Empréstimo

O Museu histórico de Ipê estabelece, através deste documento, Empréstimo, que prevê a permanência, sob a salvaguarda desta instituição, do acervo abaixo relacionado. O acervo será utilizado (no todo ou em parte) para a composição da exposição de curta duração "Ipê 25 anos de emancipação". O acervo que segue listado com seus respectivos dados:

Nº de Empréstimo	Título do Objeto
E 01	Ferro de passar à brasa
E 02	Campião ABRAMO EBERLE
E 03	Lembrança III FENAVINHO

Ipê, 16 de outubro de 2012.

Nome do Proprietário _____


 Responsável
 Museu Histórico de Ipê

Fonte: MHI, 2020, doc. Digitalizado

Outro exemplo da documentação presente no MHI, são as fichas de doação (Figura 38), compostas pelos itens: número da doação; nome do doador; endereço do mesmo; cidade; contato telefônico e e-mail; profissão; nome do objeto; sua procedência; origem; época/contexto; estado de conservação; o histórico do objeto; o motivo da entrega do objeto ao museu; data e assinatura tanto do doador quanto do agente que coletou o objeto. Observou-se na pesquisa, que a ficha de doação é o instrumento que está mais preenchido, devido ao esforço feito pela diretora do Museu em conseguir o máximo de informações possíveis acerca dos objetos no momento da doação.

Figura 38- Termo de doação MHI

MUSEU HISTÓRICO DE IPÊ

Nº da doação: 013

Termo de Doação

Nome do Doador: Ariano de Lourdes Graziotin
 Endereço: Rua Luiz Augusto Branco, 360
 Cidade: Ipê U.F.: 25 Fone: (91) 96924335
 Profissão: Professora e-mail: arineslg@gmail.com

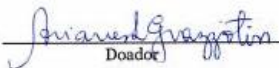
Nome do Objeto: Relógio Cucco
 Procedência: _____ Origem: _____
 Época/Contexto: _____
 Estado de Conservação: () Ótimo () Bom () Regular () Ruim () Péssimo

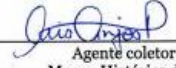
Histórico do Objeto:
Pertencia a meus avós, Santo Graziotin e
Maria Gesso, moradores (um dos primários)
de Vila Ipê.

Motivo da entrega do objeto para a instituição:
Para preservar, pois as atuais gerações não
cuidam do que é antigo.

Declaração: Declaro para os devidos fins de que o(s) objeto(s) de minha propriedade, passa(m) a partir da presente data a fazer parte do patrimônio do Museu Histórico de Ipê, sendo que repasso a guarda e posse definitiva de direito a esta instituição, para fazer parte de seu acervo. Dou-me por satisfeito concordando por mim, meus herdeiros e sucessores de forma irrevogável e irretirável.

Ipê, 26 de Setembro de 2012.


 Doador


 Agente coletor
 Museu Histórico de Ipê

Fonte: doc. Digitalizado, MHI, 2020.

Através dessa análise foi possível perceber o esforço da diretora, no momento de criação do MHI, em obter informações de como proceder no registro do acervo, buscando formação com colegas do Museu Thiago de Castro e realização de cursos junto ao Sistema de Museus de Santa Catarina, na área de documentação museológica. Nesse sentido, a diretora conseguiu elaborar instrumentos de registros muito importantes e necessários, como o Livro Tombo

e fichas de identificação, doação e empréstimo. Tais documentos permitem por exemplo, que se identifique o total de peças do acervo, bem como as suas tipologias documentais. Também com os registros apontados, pode-se identificar o número de peças em comodato, empréstimos e de propriedade do museu. Os itens de informação que compõe o Livro Tombo e demais documentos de registro do acervo do MHI permitem que se identifique corretamente as coleções. A questão é que esses instrumentos, em sua grande parte, não estão preenchidos e também não são acompanhados de um manual que oriente e padronize a forma de registro das informações. Percebe-se que houve um grande esforço na tarefa de documentar o acervo no primeiro ano do Museu, mas posteriormente essa atividade parece ter cessado, haja vista o segundo Livro Tombo, que não possui nenhuma peça registrada. Logicamente, que não havendo equipe para tal tarefa, fica muito difícil da diretora conseguir manter os registros atualizados. Assim, apesar do MHI ter os instrumentos que possibilitem o registro e o controle de seu acervo, isso não ocorre atualmente. Com equipe e orientação, poderia se realizar essa tarefa, já que a partir das fichas de doação, que são as mais completas, poderia se alimentar alguns dados dos outros instrumentos, pelo menos para que fosse realizado o tomo no livro de registro. Entretanto, anterior a isso, seria importante que o MHI, registra-se sua missão e critérios de seleção do acervo, que como comentado anteriormente, apenas podem ser inferidos a partir do folder de divulgação de campanha de doação feita em 2012, sem nenhum outro registro. Também seria necessário realizar novo arrolamento, para verificar exatamente a quantidade de peças presentes no Museu.

A partir do que já foi apontado, os critérios “implícitos” para composição do acervo, foram o de antiguidade e proveniência, sendo este último bastante valorizado, tendo em vista que o nome do doador ficaria impresso na etiqueta da peça exposta e também na preocupação da direção em registrar informações do doador e sua motivação de entregar alguma peça ao Museu. Nesse sentido, o museu realmente foi formado a partir da participação da comunidade local que realizou a doação dos mais diversos tipos de objetos, contando com muitas peças provenientes do distrito de Vila Segredo emprestadas pelo padre responsável por esse acervo. Assim, o MHI apresenta-se como um museu de cidade, que tratamos no próximo subitem.

3.3 Crescendo folhagens: a cidade no Museu Histórico de Ipê

As folhas são uma das estruturas muito importantes para as árvores, pois por meio delas realiza-se a fotossíntese, processo que garante a sobrevivência. Nos museus quem garante a sua sobrevivência são as pessoas, sendo necessário o envolvimento delas para que assim possam ser representadas nesses espaços.

Na atualidade contamos com as mais diversificadas tipologias de museus, que são definidos pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) como instituições

[...] sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (2015, doc. eletr.)

Nesse segmento uma das definições que se pode trabalhar é o de museu de cidade. Essa tipologia de museu pode ser considerado um museu histórico, que muitas vezes traz inserido em seu cerne a figura de alguma pessoa importante para a comunidade ou grandes feitos históricos (POSSAMAI, 2004).

Os museus de cidade vêm ganhando cada vez mais espaço no panorama cultural mundial, muitos deles adaptando-se às novas realidades urbanas, fazendo com que em 2005 fosse criado um comitê específico do ICOM, voltado para as Coleções e Atividades de Museus de Cidade (CAMOC) (UZEDA, 2016).

Esses museus surgem

[...] como resultado de uma valorização de aspectos memoráveis de uma cidade, suas datas e heróis, com ênfase no orgulho cívico. Neles, coleções representativas, ligadas a fatos e personagens relevantes de sua história, são interpretadas em função da reafirmação desse discurso. As exposições costumam revelar, assim, a narrativa sobre um patrimônio material que é recortado de um complexo amplo que mostra apenas parcialmente a riqueza cultural que deu forma à cidade [...]. (UZEDA, 2016, p. 63)

Através da fala de Uzeda (2016) e Possamai (2001), pode-se considerar que os museus de cidade muitas vezes são montados através do saudosismo

do passado e isso fica evidente na exposição de seu acervo, que conta com fotos, documentos de personagens e eventos considerados importantes para a localidade ao qual está inserido.

Contudo muitas vezes esses museus carecem de estabelecer uma relação com a comunidade. Assim, conforme aponta Meneses “[...] é preciso trazer a cidade ao museu do que levar o museu para a cidade” (2003, p. 255). Ou seja, considerando-se que os habitantes fazem parte da história do seu município, necessita-se que a comunidade esteja representada no museu, que possa sentir-se refletida nesse espaço, através de sua cultura.

A partir dessas considerações, pensando na realidade do MHI, percebemos que ele não se volta para a exaltação de um ou mais grandes personagens considerados importantes na história do município, reunindo peças provenientes, por exemplo, do gabinete da prefeitura municipal, mas instrumentos de trabalho e utensílios de uso cotidiano, que representam principalmente a cultura agroecológica do local.

Muitos museus inseridos nas cidades acabam deixando de lado a representação de seus moradores, contudo isso não ocorre no MHI. A diretora do Museu considera que ocorre um diálogo com a comunidade, que está representada através de seu acervo e na relação, principalmente com a comunidade escolar, onde o Museu configura-se como um espaço de aprendizagem relativo à preservação da memória e patrimônio. O Núcleo de Preservação surgiu a partir da criação do Museu é exemplo disso, pois os alunos envolviam-se diretamente nas atividades do MHI, participando de vida cultural da cidade e recebendo visitantes na instituição.

O MHI, museu público municipal, não se dedica, como muitos dessa tipologia, à sacração de determinado personagem da história local, geralmente político. Não apresenta objetos oriundos do poder político, como por exemplo, móveis e demais objetos de gabinetes de prefeitos. Como demonstrado, seu acervo foi formado a partir de campanha junto à comunidade – estudantes, moradores, comerciantes – que foram convidados a doar algum objeto ou imagem que considerassem importantes de estar no Museu. Os objetos doados, em sua grande maioria, estão relacionados com o trabalho agrícola, desenvolvido na região e que a caracteriza, como visto no segundo capítulo e

com o modo de viver, morar das pessoas daquela comunidade. Tal relação entre o MHI e a comunidade do município de Ipê foi bastante ativa entre os anos 2012 e 2013, que espero seja retomada brevemente com vigor, a partir da transferência a uma nova e definitiva sede.

4 O FLORESCER DE IPÊ

Através da pesquisa realizada pode-se observar que assim como muitos outros estados brasileiros, o Rio Grande do Sul possui inúmeros pequenos e novos municípios que ainda necessitam ter sua história investigada, como é o caso do Município de Ipê.

O Município de Ipê, localizado na serra gaúcha, destacado por sua produção agroecológica e belezas naturais, embora jovem, possui um Museu para narrar a sua história: o Museu Histórico de Ipê, formado em 2012, constituído por acervo doado pela comunidade.

É interessante observar que a criação do MHI não partiu da iniciativa do poder executivo, mas de uma professora de história que se encantou pela cultura local e identificou a ausência de instituições de memória no município de Ipê, apresentado o projeto para sua criação. A professora Cristiane dos Anjos Parisoto é, portanto, figura central nesse processo, tornando-se a primeira diretora do MHI, cargo que exerce até os dias atuais. Importante salientar que Parisoto criou formas de integração da comunidade ipeense no processo de formação do Museu, iniciando com seus alunos a partir da criação do Núcleo de Preservação onde eles participavam ativamente das atividades culturais relacionadas ao MHI. Nesse sentido, a criação do Museu pode ser considerada também um processo educativo, onde os estudantes, de forma especial, envolveram-se com a instituição de memória de sua cidade.

O acervo do Museu é integrado, grande parte, por objetos emprestados da Vila Segredo e por outros provenientes de doação da comunidade: estudantes, comerciantes, moradores. Assim, o MHI pode ser considerado um museu de cidade, não apenas pelo fato de ser um museu localizado nesse espaço, mas por possuir um acervo que condiz com a comunidade, que participou ativamente no seu processo de criação.

Considero a campanha de doação de acervos um ponto forte de estabelecimento de laços entre Museu e a comunidade, pois embora tenha sido realizada sem critérios claramente definidos, valorizando a antiguidade e a proveniência, o que gerou a repetição de algumas peças idênticas, esse

processo envolveu os moradores e mostrou a importância de um Museu na preservação da história local.

Identificado o processo de criação do Museu e de constituição de seu acervo, buscou-se perceber os procedimentos de gestão utilizados na instituição a partir de sua formação até os dias atuais. Nesse sentido, foi possível constatar que embora o Museu necessite dos principais recursos para uma boa gestão de acervos - como a definição e registro de uma missão institucional e a elaboração do Plano Museológico e de uma Política de Aquisição de acervos - , houve um esforço por parte da diretora em criar instrumentos de registro e controle para o acervo presente nesse espaço. Através de conhecimentos adquiridos em cursos e conversas realizadas com profissionais da instituição museal em que trabalhou anteriormente, a diretora formulou fichas de identificação, doação, empréstimos, livro tomo e iniciou o arrolamento do acervo, procurando dar, minimamente, um tratamento técnico às coleções. Entretanto, o trabalho de documentar o acervo nesses instrumentos, não teve continuidade, encontrando-se a grande maioria incompleto, não proporcionando dessa forma, o controle das coleções, pois seria necessário novamente identificar o acervo, devido às mudanças de sede ocorridas. Constata-se também que alguns instrumentos precisam ser revistos e aprimorados, evitando, por exemplo, atribuição de número de registro a peças em empréstimos e verificando se os livros que o Museu possui, são para constituir uma biblioteca ou considerados como objetos museológicos. Também se percebeu a necessidade de estabelecer protocolos de rotinas, com a elaboração de manuais de preenchimento das fichas e do livro tomo, para garantir a padronização e mesmo o entendimento das informações por qualquer pessoa que venha a substituir a atual diretora na instituição. Assim, identifico e valorizo o empenho da diretora Cristiane Paristo e, considerando que o trabalho de documentar é contínuo e que demanda tempo e, sendo ela a única pessoa a atuar no MHI atualmente, compreendo que se torna quase impossível a tarefa de manter atualizado os registros.

Faz-se necessário, portanto, que a comunidade, nesse momento do MHI, participe mais, mas que principalmente o poder público possa apoiar a instituição em recursos humanos e estrutura, no caso, adquirindo uma sede para o Museu e cedendo pessoal para as diversas tarefas que a diretora desempenha sozinha.

Somente assim as rotinas de gestão poderão ser executadas a contento e o MHI poderá se desenvolver e oferecer atendimento de pesquisa e atividades culturais cada vez mais ricas à comunidade de Ipê.

Essa pesquisa foi um pequeno e primeiro passo no estudo do Museu Municipal de Ipê e seus processos museológicos e o desejo é que ela possa incentivar outros estudos, fazendo com que mais flores venham a florescer desse espaço que ainda tem muito a ser investigado.

REFERÊNCIAS

CAMARGO-MORO, FERNANDA. **Museu: Aquisição-documentação**. Rio de Janeiro, Livraria Eça Editora, 1985.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Orientações para Gestão e Planejamento dos Museus. **Coleção Estudos Museológicos.vol.3**. Florianópolis FCC, 2014, 94p.

CECATTO, Rita Márcia; CONTE, Anita Samuara Magero; SCHIAVON, Vera Ângelo Detófano. Ipê- Município Neto. In:RIGON, Justina; CECATTO, Rita Marcia da Fonseca; BARROSO, Vera Lucia Maciel(org). **Raízes de ipê**._Est: evangraf, 2012. p.795- 812.

DONNER, Sandra Cristina. Quem escreve a história? Um estudo historiográfico do projeto raízes sob as lentes da cultura histórica. **X Encontro Estadual de História o Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional**. 26 a 30 de julho de 2020 Santa Maria – RS, Universidade Federal de Santa Maria – UFMS, Centro Universitário Franciscano – Unifra. Disponível em: < http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1278540942_ARQUIVO_TEXTOCONGRESSO.pdf. >. Acesso em 17/10/2020.

ECOLÓGICO, Centro. **Histórico**, s.a. Disponível em < <http://m.centroecologico.org.br/>>. Acesso em 24/04/2020.

EDSON, Gary. Gestão do Museu. **Como gerir um Museu**.ICOM,2004. p. 145-159.

G1 SC- **Museu Histórico Thiago de Castro Oferece visitas online para a moradores de Lages – Iniciativa começou para ajudar a conter o avanço do corona vírus no estado** 02/04/2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/04/02/museu-historico-thiago-de-castro-oferece-visita-online-para-moradores-de-lages.ghtml>.> Acesso em 09/10 2020.

ICOM. **Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de Museus: Categorias de Informação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC-ICOM)**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014

IBRAM- Saber Museus- **Plano Museológico**. Disponível em < [INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS PORTUGAL \(ICOM\). **Definição Museu**. 2015. Disponível em:< <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> .. Acesso em:21/10/2019.](https://sabermuseu.museus.gov.br/planomuseologico/#:~:text=valores%20e%20os%20E2%80%A6,Plano%20Museol%C3%B3gico%20%C3%A9%20uma%20ferramenta%20de%20gest%C3%A3o%20estrat%C3%A9gica%20para%20museus,seus%20projetos%20e%20suas%20a%C3%A7%C3%B5es.> Acesso em 09/10/2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

LADKIN, Nicola. Gestão de Acervo. **Como gerir um Museu**. ICOM,2004. p.17-32.

MARCON, Rogério Francisco. **Linhas do tempo Ipê, 30 ANOS**. Caxias do Sul, Lorigraf,2017. 492p.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu na cidade x A cidade no museu uma abordagem histórica dos museus de cidade. In: **Ver. Bras. De His. São Paulo**. v.5 n° 8/9.pp. 197-205 set. de 1984/abril de 1985.

_____. **Museus, Cultura material e cidade: o museu de cidade e a consciência da cidade**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

Museu Histórico de Ipê. **Sem título**. Ipê 16 de agosto de 2014. Facebook: Museu Histórico de Ipê. Ipê 18/05/ 2014. Facebook: Museu Histórico de Ipê. Disponível em: < <https://www.facebook.com/photo?fbid=1402443816708968&set=a.1388254541461229>>. Acesso em: 05/05/2020.

_____. **Reunião do Núcleo de Preservação do MHI para preparação da Semana de Arte e Cultura e desfile cívico,2014**. Ipê 16/08/2014. Facebook: Museu Histórico de Ipê. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1462319810721368&set=pcb.1462334610719888>>. Acesso em: 05/05/2020.

_____. **Visitação guiada no MHI durante a Semana de Arte e Cultura do Município**. Ipê 10/09/2014. Facebook: Museu Histórico de Ipê. Disponível em:< <https://www.facebook.com/photo?fbid=1483895471897135&set=pcb.1483896841896998> >. Acesso em 05/05/2020.

NOVELO, Alinor; GIROTTO, Lúcia Bisotto, et al. REGISTRO DE IPÊ NA VILA SÃO PAULINO- VILA SÃO PAULO- 3º DISTRITO -IPÊ. In: RIGON, Justina; CECATTO, Rita Marcia da Fonseca; BARROSO, Vera Lucia Maciel(org). **Raízes de ipê**. Est: evangraf, 2012. p.272- 276.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Coleção Estudos Museológicos. Vol.2, Florianópolis FCC,2014,71p.

PARISOTO, Cristiane dos Anjos. Museu de Ipê: ações de preservação da memória do município. In:RIGON, Justina; CECATTO, Rita Marcia da Fonseca; BARROSO, Vera Lucia Maciel(org) . **Raízes de ipê**. Est: evangraf, 2012.p.670-671.

PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO 2015-2025.Ipê -RS junho de 2015. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/monitoramentopne/planos-municipais-de-educacao-rs/i/ipe>>. Acesso em 22/04/2020.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do Museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: EST,2001. 144 p.

PREFEITURA DE IPÊ. **Festipê toma forma**. Disponível em < <https://www.ipe-rs.com.br/noticias/festipe-toma-forma>> 08/04/2014. . Acesso em 22/10/2020.

_____. **Museu Reabre nesse domingo em novo endereço**. 06/12/2019. Disponível em: < <https://www.ipe-rs.com.br/noticias/museu-reabre-neste-domingo-em-novo-endereco> >. Acesso em 22/04/2020.

RIGHEZ, José Cláudio; RIGHEZ, Arcângelo . Registros de Ipê na Vila Segredo. Segredo: 50 anos de História. In:RIGON, Justina; CECATTO, Rita Marcia da Fonseca; BARROSO, Vera Lucia Maciel(org) . **Raízes de ipê**. Est: evangraf, 2012.p.91- 98.

SEM.AUTOR. **ABRACE ESSA IDEIA. ASSOCIAÇÃO PRÓ- SEGREDO**.2006-2019. Disponível em: < <http://www.vilasegredo.org/historico.php> >. Acesso em 22/03/2020.

_____. **Lista de Municípios do Rio Grande do Sul por população. 2010. Censo Populacional 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_do_Rio_Grande_do_Sul_por_popula%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 16/10/2020.

STUDIO MOINHO DO RIO SEGREDO. **Moinho do Rio Segredo** Disponível em : < <https://www.booking.com/hotel/br/studio-moinho-do-rio-segredo.pt-br.html> >. Acesso em 2020.

UZEDA, Helena Cunha. Os museus de cidades e o processo de interpretação da memória dos centros urbanos- City museums and the process of interpretation of the memory of urban centers. In: **Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST – vol.9, no2, 2016.**

TUA RÁDIO FÁTIMA. **A prefeitura de Ipê está adquirindo o antigo Seminário dos Freis Capuchinhos.** 2019. Disponível em: < <https://www.tuaradio.com.br/Tua-Radio-Fatima/noticias/geral/12-11-2019/a-prefeitura-de-ipe-esta-adquirindo-o-antigo-seminario-dos-freis-capuchinhos.>> .Acesso em 16/10/2020.

VILA SÃO PAULINO. **CACHOEIRA DA ROLA- PONTO TURÍSTICO DE SÃO PAULINO.** Ipê 10/11/2014. Facebook: Vila São Paulino. Disponível em: < <https://www.facebook.com/vilasaopaulino/photos/a.528451080547835/826871927372414> >. Acesso em 05/05/2020.

_____. **Sem título.** Ipê:02 /02/2017. Facebook: Vila São Paulino. Disponível em:< <https://www.facebook.com/vilasaopaulino/photos/1387166001343001>>. Acesso 16/10/2020.

VILA SEGREDO. **Sem título.** Ipê 10/04/2013. Facebook. Vila Segredo. Disponível em: < <https://www.facebook.com/VilaSegredo/photos/a.627345840625285/627349507291585> >. Acesso em 05/05/2020.

WINKIPÉDIA. **Localização de Ipê. Rio Grande do Sul.** Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ip%C3%AA_\(Rio_Grande_do_Sul\)#/media/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_Ipe.svg.>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ip%C3%AA_(Rio_Grande_do_Sul)#/media/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_Ipe.svg.>) . Acesso em 03/05/2020.

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Prezada Cristiane dos Anjos Parisoto

Eu Maila Morais Mattos, aluna do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, venho por meio desse documento solicitar uma autorização para ter acesso à documentação referente ao Museu Histórico de Ipê e o uso da mesma, visando a realização da pesquisa para o trabalho de Conclusão de Curso que tem como título “Florescendo Ipê: a gestão de acervos do Museu Histórico de Ipê”.

Agradeço imensamente a compreensão e me coloco a disposição para eventuais esclarecimentos que se fizerem necessário.

Atenciosamente
Maila Morais Mattos
e-mail: mailamoraismattos@gmail.com
Contato: (54)996448-3873(Whats)

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO DA ENTREVISTA**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA****UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO****AUTORIZAÇÃO**

Eu Cristiane dos Anjos Paivoto.....
abaixo assinado, autorizo Maila Morais Mattos número de cartão 00276686, estudante do curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título provisório **FLORESCENDO IPÊ: a gestão de acervos do Museu Histórico de Ipê (MHI)** e está sendo orientado pela Dr.(a.) Ana Celina Figueira da Silva.

Autorizo ser identificado pelo nome.

Não autorizo ser identificado pelo nome.

Ipê, 14 de fevereiro de 20 20.

Cristiane dos Anjos Paivoto
Assinatura do entrevistado (a)

APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA

Conjunto I

- Idealização do museu

- Motivos de sua criação;
- Missão do Museu;
- Diálogo com a Comunidade;
- Situação atual do Museu.

Conjunto II

– Acervo coleção

- Caracterização do acervo;
- Recortes temáticos;
- Coleção dialoga com a história da cidade.

Conjunto III

– Gestão

- Política de gestão de acervos;
- Estimativa do acervo do Museu;
- Comissão de acervo
- Processo de Incorporação do acervo;
- Inventário;
- Mobilidade de aquisição;
- Relação Museu e doadores;
- Sistemas de Informação;
- Objetos documentados;
- Processo de documentação;
- Pesquisa sobre o acervo.